

Director
Veloso de Cast.o

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

Composto e Impresso
Rua de Seculo, 150

GAZETA DAS COLONIAS

Assinaturas

Serie de 12 numeros :

Continente e ilhas . 20\$00

África Ocidental . . 26\$00

África Oriental . . . 30\$00

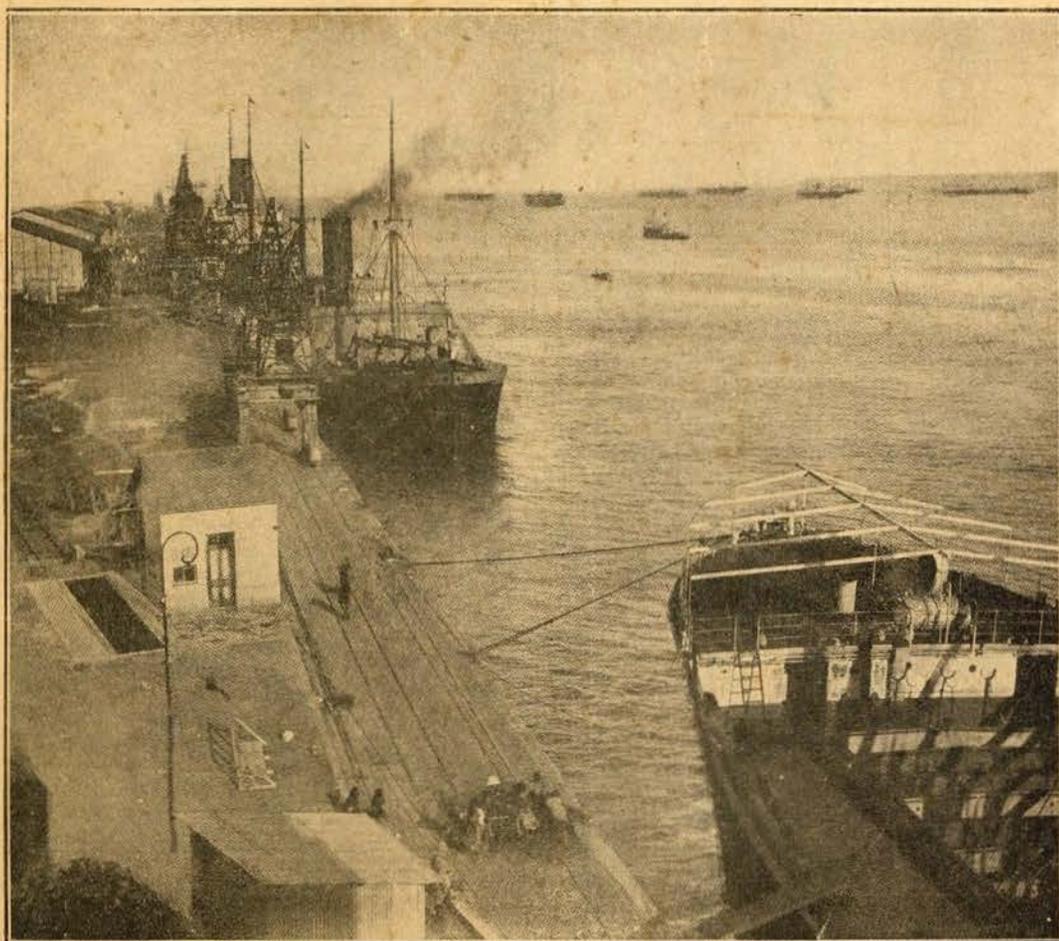
Estrangeiro 50\$00

Publica-se nos dias 10 e 25
de cada mês

QUINZENARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA DO GREMIO LUSITANO, 40, 1.º

MOÇAMBIQUE



Caes e ancoradouro de Lourenço Marques

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

GOMES & IRMÃO, L.^{DA}

SÉDE:

Rua de S. Julião, 11, 1.^o—LISBOA

FILIAIS:

LOANDA E LOBITO

.....
Endereço telegrafico: IRMÃOS

.....
Vendas por grosso e a retalho

Armazens de cereais—Mercearia e vinhos—Padaria—
Depósito de materiais de construção—Completo sortido de
fazendas de todas as qualidades—Talho—Gado para expor-
tação—Depósito de farinhas de todas as marcas—Criadores
de gado bovino e suino de diversas raças—Agentes gerais
das Companhias de Seguros: **Bonança e Fidelidade**--
Seguros terrestres e marítimos.

.....
SOCIOS GERENTES DA FIRMA

Camara & C.^a, L.^{da}

AGENTES DA COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Concessionarios das minas de carvão em Zenza do Itombe

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mez para os portos de Africa Ocidental e Oriental

Saídas extraordinárias em 15 de cada mez para todos os portos de Africa Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, só para carga

Frota da Companhia

Paquetes Nyassa, 8965 toneladas—Angola, 8315—Lourenço Marques, 6355—Moçambique, 5771—Africa, 5491—Pedro Gomes, 5471—Beira, 4973—Portugal 3998—Luabo, 1385—Chinde, 1382—Manica, 1116—Bolama 985—Ibo, 884—Ambriz, 858.

Vapores de carga Cubango, 8300 toneladas—S. Tomé, 6350—Cabo Verde, 6200—Dondo, 6000—Congo 5080.

REBOCADORES NO TEJO—TEJÓ, CABINDA e CONGO

Todos os vapores desta Companhia teem frigorificos, luz electrica, excellentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rápidas e comodas

Escritórios da Companhia:

Rua do Comercio, 85—LISBOA

R. da Nova Alfandega, 34—PORTO

Agentes: ANVERS, Aiffe & C.^o, Quai van Dyck, 10—HAMBURGO, E. Th. Lind, Alsterdam 39 Europahaus. ROTTERDAM, H. van Krieken, P O B 662

Telefones: Administração, C. 1527—Chefe do Expediente, C. 1000—Informações, C. 608—Tesouraria e Passagens, C. 2665—Comissariado e Serviços Medicos, C. 3202—Engenheiros (Cais da Fundação), C. 3052—Cais da Fundação, C. 2087—Depósito e Armazem, C. 4012.

Companhia do Amboim

Sede—Rua dos Correios, 70

LISBOA

Explorações agricolas
em Angola

(Amboim, Hanha do Norte (Lobito)
e Bailundo

Representação em Loanda,
Porto Amboim e Benguela

COMPANHIA

DO

Caminho de Ferro do Amboim

Sede—Rua dos Correios, 70

LISBOA

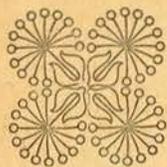
Concessionaria
do

Caminho de Ferro
do Amboim

e do porto de Porto Amboim

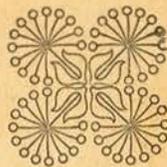
Distância de Porto Amboim a Gabela 128 kilom.
Kilometros construidos 80

Representação em Loanda e Porto Amboim



SUMÁRIO—

1— Problema demográfico colonial	A. Ornelas
2— Situação financeira de Angola	V. Ferreira
3— Pôrto e C. F. de Lourenço Marques	
4— Progresso economico de Macau	A. Tamagnini
5— Educação e ensino nas colonias	A. Vasconcelos
6— Fomento agricola colonial	M. Geraldes
7— O «Jornal da Europa» na acção colonial	
8— Campanhas militares coloniaes	V. Castro
9— A caça do tigre na Índia	X X X



O problêma demográfico colonial Questão vital nas grandes Colónias Portuguezas

(Continuação)

Tendo saído um tanto adulterado no n.º 38 da «Gazeta», reproduzimos a segunda parte deste importante estudo do sr. dr. Augusto Ornelas.

II

FICOU claramente demonstrado e de uma maneira incisiva, que Angola e Moçambique não chegam a possuir um homem válido por 2 km.².

E' lá possível que tal situação se não modifique!...

Este problêma, a não ser encarado de frente, fria e metódicamente, representa um crime de que a história da civilização nos não absolverá.

Colonização europeia...

Mesmo essa colonização nas regiões planálticas e saudáveis das duas provincias—colonização de povoamento, bem entendido—se tiver que iniciar-se com um ou dois terços dos 70.000 portugueses que anualmente emigram, tacitamente supõe a preparação vagarosa e metódica das zonas colonisaveis.

Ora essa preparação científica e demorada só poderá ser levada a cabo pelo braço do nativo africano.

Por qualquer lado que vejâmos o problêma, êle tem simples e unicamente uma finalidade:

a) — *Um grau alto de natalidade*; e, como axioma que se impõe insofismavel e imediatamente:

b) — *O rejuvenescimento da raça negra*.

Estas são, pois, as plataformas, as condições *sine qua non* que nos são impostas para que possâmos preencher com eficiencia o nosso mandato como colonisadores de vastissimos terrenos nos intertrópicos, rarefeitos de populações autoctonas.

E' pois um problêma que deve ser resolvido dentro do campo scientifico e focando nobres ideais.

Dentro deste terrêno, parar é morrer e deixar morrer aqueles que o destino histórico e a ancestralidade do nosso génio lendário pôz para sem-

pre sob a nossa guarda e protecção espiritual.

Ha quem afirme o contrário, provando por estatísticas, adrede forjadas, que os países novos do que necessitam, essencialmente, é de caminhos de ferro e não de populações, para uma expansão economica intensiva.

E para isso, comparam-se territórios de uma extensão análoga—7 a 9 milhões de km.²— como a *Africa Francesa*, a *Austrália* e o *Canadá*.

A sua população respectiva é de 30 milhões de 5 milhões e 7 milhões e meio de habitantes.

Não obstante o seu commercio exterior, varia de 3 milhões e meio de contos para 85 e 135 milhões, pela simples razão que a *Africa Francesa* tem apenas 6.000 km. de linhas férreas, ao passo que a extensão da rede da *Austrália* atinge 30.000 km. e a do *Canadá* 49.000.

Basilarmente são comparadas regiões temperadas e frias, onde o elemento europeu prolifera e se pode dedicar aos serviços mais rudes, com os estensissimos territórios da *Africa intertropical* e equatorial.

Invertendo os termos aquêla têsse, o problêma para regiões onde a raça branca pode fixar-se, está certissimo.

Nas zonas intertropicaes africanas, agressivas para todas as raças, excepto, algumas vezes, para a raça negra, não é a expansão economica dependente essencialmente da rede ferro-viária, mas sim, muito principalmente da sua massa populacional.

Apesar da crise por que tudo passa, nos nossos domínios coloniais, não fôra o alto indice populacional indígena no planalto central de Angola e a sua actividade agricola,—o caminho de ferro de Benguela não teria a situação próspera que actualmente apresenta.

E se os *Ricos Homens de S. Tomé*, em tempos que já não voltam, encerrassem o problêma da imigração, não como exploração do braço indígena,

mas em parte vissem que a *unidade social* é a Familia e que ao lado dos caudais de ouro, era imperterivelmente necessária a riqueza do povoamento da Ilha, não sentiriam a formidavel crise que atravessam atualmente.

Por mais que se desentranhem em cogitações não poderão competir nos mercados mundiais com a avalanche de cacau que a Costa do Ouro exporta, hoje mais de metade do cacau produzido em todo o mundo.

Costa do Ouro, terra exuberante, empapada de gêmas desde os fundamentos do sub-solo, tem a sua riqueza agricola *sómente explorada* pelo indígena e organizada á maneira indígena, mas amparada pela técnica scientifica do Estado. População saudavel e abundante, solo e sub-solo, donde se desentranham maravilhas, não é pois a extensão da sua rede ferro-viária, que marca a sua prosperidade.

O revigoramento da Raça Negar e um indice alto de natalidade nes duas grandes provincias ultramarinas só poderá ser levado a efeito por uma entidade técnica:

— *O serviço de Saude Colonial*.

E para que este serviço público impulse um feixe de forças, cujas resultantes foquem aqueles dois desideratos, este serviço deve ser reorganizado, desde já, em bases scientificas e sobretudo de *previsão*.

Esta reorganização scindirâ este ramo de serviço público em duas grandes bases:

1.^ª *Serviço Médico propriamente dito*.

2.^ª *Serviço de Higiene*.

Bases radicalmente distintas mas necessariamente interdependentes, cada uma delas organizada nos seus fundamentos e com aquêla maleabilidade e feição indispensaveis ao meio colonial.

Na sua superior convergencia, o

serviço de saúde, alicerçado com aquelas características, resolverá necessariamente o problema do despovoamento.

Hoje, nas colónias estrangeiras, africanas, aquelas que pela sua organização científica nos devem servir de modelo na resolução de muitos problemas os dois ramos de serviço de saúde, individualizados para uma maior eficiência, estão levando uma trajectória, uma finalidade palpável, na cruzada que se impuzeram no repovoamento do continente negro.

E não é dentro de formulas burocráticas, do tipo meridional, que a efectivação daquele desiderato se cumpre.

E' no campo proprio das realidades que observamos os magníficos resultados de uma campanha que passou do platonismo á maior e mais positiva das evidencias.

Se os vastissimas territórios coloniais têm uma densidade populacional que não está em relação com a sua capacidade territorial e um pouco com a capacidade de adaptação dos autoctonas, os serviços de saúde officiais, numa porfiada campanha — higienistas por um lado, médicos clínicos por outro — estabelecem uma linha de ataque, um *front humanitário* que, para maior glória dessa campanha, já tornou possível em alguns domínios africanos o equilibrio entre as forças de destruição, — atávicas umas, extemporaneas outras — e os elementos de resistencia orgânica e de natalidade das incoles!...

E não tardará muito, — duas ou três gerações, talvez — que esse equilibrio estável se não rompa e os censos anuais sejam registados com *signal positivo*, vencendo-se assim a definitiva batalha que o espirito de colonização moderna impôz aos povos coloniais.

Mas se assim sucede nas zonas africanas com densidades populacionais iguais, ou mais fracas do que Angola e Moçambique, nas colónias também intertropicais, em que aquela densidade especifica vai num crescendo de 5, 10 e 20, aí a tática não é mais do que uma nuance da grande batalha dada em zonas de população deficitária.

Aí os serviços de *higiene* ou *sanitários* tomam um *acmé* maravilhoso na prevenção das doenças e no robustecimento da raça negra,

A destruição de focos mortíferos, levada a efeito pela convergencia da *engenharia sanitária* e pelo *serviço de higiene*, gastando-se milhões com programas, prévia e aturadamente delineados e scientificamente postos em prática, visam não a *unidade indígena*, mas a *colectividade*.

E assim o robustecimento das autoctonas é certo.

O povoamento vem, fatalmente, como corolário da primeira convergencia de esforços.

Mas se os nossos *Serviços de Saúde e Higiene*, perante as necessidades

da moderna colonização têm que ser refundidos nas suas bases, essa nova organização deve focar sobretudo a *Assistencia ao indigena* e a *profilaxia*.

Os medicos *higienistas* e os medicos da *assistencia aos indigenas* têm que olhar a sua missão de uma maneira dinâmica e no conjunto, focando essencialmente a colectividade.

Medicina movel, higiene ambulatória.

O medico higienista e o da assistencia indigena nos países em formação e nas regiões intertropicais, são entidades «em permanente serviço de campanha».

E' lhes adstrito um campo de actividade de tal amplitude, é-lhes imposto um sacerdocio de tal transcendencia, que aos leigos passará despercebido, mas que as gerações vindouras hão de bem dizer e abençoar.

E quando a arte de curar e a ciencia de prevenir doenças e calamidades se tornaram das mais belas e culminantes aquisições do espirito humano, não faz sentido que nas nossas maiores colónias se não mobilisem esses meios de acção e que os membros do corpo de saúde, os seus membros de combate, passem, na sua grande maioria, uma vida passiva, quasi amorfa, perante uma campanha que exige sobretudo *continuidade e disseminação*.

(continua)

A. ORNELAS

EXPEDIENTE

Tendo sido devolvidos com frequencia á administração desta GAZETA exemplares expedidos pelo correio, que não são entregues pela circunstancia de não serem encontrados os seus destinatarios, muitos dos quais tem as suas assinaturas pagas: pedimos a todas as entidades e assinantes que não tenham recebido regularmente os numeros publicados que no-lo indiquem, afim de ser regularizada a distribuição da GAZETA que em Lisboa, onde se dá com mais frequencia aquela circunstancia, passará a ser feita directamente pela administração da revista.



Angola

Como o alto comissario do governo em Angola encara a situação financeira da colonia

FEZ-SE ha pouco um certo barulho e alguma especulação ácerca de pretensas afirmações do alto comissario do Governo em Angola por ocasião do acto de posse que se efectuou em Loanda, afirmações que teriam melindrado e desgostado profundamente os representantes das forças economicas, presentes áquele acto e concitado contra o sr. eng. Vicente Ferreira a má vontade da colonia.

Como esses boatos são inconsistentes prova o o documento que a seguir publicamos, que reproduz as palavras sinceras e nobres com que o ilustre governador saudou a colonia á sua chegada, expondo com toda a franqueza a difficil situação financeira que ela tem atravessado, os recursos de que lançou mão para a debelar e o valor dos auxiliares com que conta para a realisação da sua obra do resurgimento economico. Hoje dispõe o sr. eng. Vicente Ferreira de mais um colaborador do maior aprecio: o sr. dr. Torres Garcia, secretario da Agricultura, a quem já nos referimos no ultimo numero da *Oazeta*.

Registando aqui as palavras da alta individualidade que assumiu o pesado encargo de dirigir a administração de Angola, os nossos votos são, mais uma vez, para que sua ex.^a e os seus colaboradores vejam coroados do maior exito a sua honrosa tarefa.

«Meus senhores! Não foi sem graves apreensões e depois de um minucioso inquerito, que me resolvi a aceitar o posto de honra em que o Governo e o Parlamento me collocaram e onde successivos governos me confirmaram.

O meu inquerito, embora rapido e forçosamente superficial, mostrou-me que as possibilidades economicas desta Provincia e a actividade dos colonos angolenses ofereciam uma solida base, sobre a qual poderia edificar uma obra de metódica e espero que proficua administração,

Com esta confiança me abalancei a aceitar o honroso cargo, que neste momento venho ocupar.

Uma outra circunstância de bom augurio não pouco contribuiu tambem para esta resolução: quizeram varias e distintas individualidades, representativas de diversas formas da actividade desta Colónia, procurar-me para me pedirem que aceitasse o honroso convite que me fóra dirigido.

Com tão prometedores apoios seria excesso de egoismo ou condenavel tibieza de animo, não aceitar o governo de Angola.

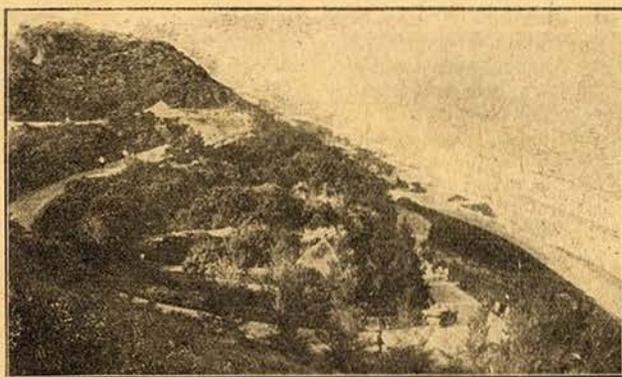
Meus senhores; fica assim estabelecida esta primeira afirmação: — não solicitei o governo de Angola, e encontro-me aqui, com sacrificio da minha carreira de engenheiro, única que desijo seguir.

dispensável. Não venho governar contra nenhum partido, facção ou pessoa por isso que não me encontro enfeudado a nenhum grupo.

Terei de ser contra todos precisamente por ser a favor de todos. Não venho atender aos interesses particulares de ninguém, porque só tenho a zelar os interesses comuns.

Desejo conservar a minha independencia moral e politica, porque desejo ser respeitado por todos, muito sentindo se por todos não poder ser estimado.

Aceito, — mais ainda, peço, — a colaboração sincera e desinteressada dos homens bons desta terra, magistrados, funcionários ou colonos. Não tenho o



Praia da Polama

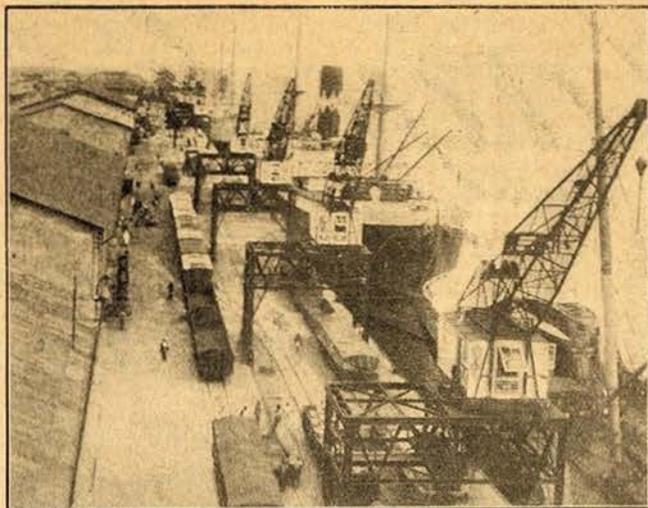
Esta afirmação tem um corollario necessario: não tendo apêgo ao lugar, por não precisar d'ele, estarei sempre pronto a abandoná-lo, ou quando reconhecer que me faltam os meios necessarios para bem governar, segundo o meu critério, ou quando contactar que a minha acção, em vez de satisfazer, contraria as justas aspirações desta Colónia.

* * *

Uma segunda afirmação reputo in-

preconceito das minhas opiniões, pelo que estou sempre pronto a corrigi-las e tenho sufficiente educação scientifica para saber que em politica e administração, mais do que em qualquer outra ciencia, as verdades e os erros são apenas relativos.

Aceito por isso, todas as indicações atinentes a bem orientar a minha acção; mas fique bem entendido, que sendo eu o responsavel, não abdicoo meu direito — que é tambem um dever — de subordinar os minhas decisões ao meu critério.



Caes mostrando a instalação dos guindastes

* * *

Como homem público, educado nos princípios da boa democracia, considero legítimo o direito de cada um discutir os meus actos publicos; não posso consentir porém, que a pretexto de apreciação de actos administrativos, se procure atacar a minha honra ou a dos funcionários que servirem sob as minhas ordens. Quem acusar, provará no tribunal o fundamento da acusação; quem acusar falsamente responderá pela aleivosia.

Eu sei que está nas tradições da imprensa de Angola, discutir correctamente, embora com vivacidade e calor; mas porque estamos num país novo, rodeado de cobiças estranhas, eu apelo para o patriotismo da imprensa de Angola, esperando que, sem prejuizo da livre critica dos actos de administração, evite certas impensadas afirmações, que facilmente são voltadas contra o nosso país, pelos que tem interesse em dar relevo aos nossos erros e defeitos.

* * *

Meus senheres: por antigos estudos a que expontaneamente me dediquei e por outros que fui levado a fazer, como relator da comissão encarregada de rever o regime bancario das colónias, arreigou-se desde ha muito no meu espirito a convicção de que a chamada *crise de Angola*, resultava, em grande parte, de um defeituoso regime monetário e de uma insufficiente organização bancaria.

Não irei desenvolver aqui os multiplos argumentos em que se fundamenta a minha tese; basta dizer que mui-

tos deles foram fornecidos pelas próprias entidades officiais e associações de interesses economicos desta Provincia.

E tão convencido estava da necessidade de resolver aqueles dois problemas que puz como condições da minha vinda para Angola, reformar o seu sistema monetário e criar o seu Banco emissor privativo.

Os successivos governos a quem expuz esta tese, com ela concordaram.

Ambas as reformas estão promulgadas em decretos-leis e em via de execução. Espero que dentro de poucas semanas o *Banco de Angola* inicie as suas operações e que dentro de poucos meses a nova moeda circule em Angola.

A Provincia já conhece, de certo, estes dois diplomas; por isso me limitarei a lembrar a V. Ex.^{as} que a nova moeda, pela applicação de um artificio especial, poderá ser convertida, ao par, em moeda da metropole. E', se não estou soffrendo de daltonismo mental, a solução do chamada *problema das transferências*, que tantos clamores provocou nesta Colónia.

* * *

O *Banco de Angola*, succedendo ao *Banco Nacional Ultramarino*, como banco emissor da Provincia, está habilitado com os recursos suficientes para auxiliar a resolução do problema monetário e ao mesmo tempo a desenvolver as operações de crédito, indispensaveis para a fructificação do trabalho e das iniciativas dos colonos de Angola.

Ao propor a distribuição da verba de 125.000 contos do novo financiamento, attribui 70.000 contos para em-

prestar ao Banco Nacional Ultramarino a titulo de mobilização do emprestimo de 162.200 contos.

Esta verba não foi dada de mão beijada, porque o Banco paga 7%, ou seja mais 1% do que o Estado paga ao Banco pelo emprestimo de Angola.

Quando a comissão de coloniais de Angola estudou o problema das transferências, julgou fundamental a mobilização daquele emprestimo e a esta operação se refere a Base I. O mesmo principio foi mantido pela Comissão delegada das Associações commerciaes, industriaes e agricolas que appreciou o relatorio da Comissão de Lisboa.

Embora plenamente de acordo com a medida, apresentei a cada um dos 5 governos com que, durante 3 meses, tratei na Metropole esta questão.

—«Deve sustentar-se ou abater-se o Banco Nacional Ultramarino?»

Todos os governos responderam que devia manter-se.

Nenhum homem, com responsabilidades de governo, poderia responder de outro modo, porque a ruina do Banco Nacional Ultramarino, acarretaria as mais graves consequencias para o domicilio ultramarino portuguez.

Pode parecer á primeira vista, que os 70.000 contos foram apenas beneficiar o Banco Emissor, sem beneficio para a Colonia. Tal afirmação é menos verdadeira.

O Banco Ultramarino cede ao novo Banco uma parte do seu passivo, em Angola. Para cobrir este passivo tem o Banco Ultramarino de entregar, alem de outros valores, 54.000 contos em boas notas do Banco de Portugal, ou sejam mais de 3/4 do emprestimo que o governo lhe faz. Como se vê, só por este processo, reverte em favor de provincia de Angola uma parte consideravel dos 70 mil contos.

O Banco de Angola fica assim dispondo de largas disponibilidades de tesouraria com que poderá iniciar, em breves semanas, o serviço de transferências, embora cobre o agio que julgar rasoavel.

Não se limitam contudo aos 54.000 contos referidos as disponibilidades que vão ser postas a disposição do comércio de Angola. O Estado entrega 25 000 contos que é a sua parte no capital do novo Banco e destina a obras de saneamento (incluindo as de Loanda) e combate à doença do sono, a importante verba de 7.000 contos metropolitanos.

* * *

Neus senhores! Seria injusto, ao anunciar o próximo desaparecimento do Banco Nacional Ultramarino das praças de Angola, não lembrar e reconhecer os grandes serviços que

esta instituição de crédito prestou á Provincia. O que se fez em Angola, nas últimas décadas, pode afortunadamente dizer-se que teve o concurso do Banco Nacional Ultramarino.

Resolvidas, ou em via de resolução, as questões da moeda e do crédito, eu sei, que nem por isso ficam resolvidos todos os problemas de Angola.

Nos tres meses que estive na metrópole depois da minha nomeação, apenas esbocei o prólogo da obra que é indispensavel realizar. Tenho agora de iniciar um largo e atento estudo dos problemas de Angola; muito se tem estudado e muito se tem já escrito sobre as questões vitais desta Provincia; mas apesar de tudo ainda se não formulou em termos claros e precisos o problema geral de Angola. A essa tarefa, isto é, ao inquerito geral da vida económica e administrativa desta Colónia me vou consagrar e para essa tarefa necessito do auxilio lial de todos:— magistrados, funcionários e colouos.

Enunciado na sua generalidade o grande problema dos destinos de Angola, a outros caberá a mais gloriosa tarefa de encontrar as soluções adequadas e de as executar.

A minha missão é portanto bem limitada e ingloria.

Temos que reduzir o *deficit* orçamental, que é calculado em 58.000 contos e esta operação, se é indispensavel e urgente, para boa administração da Colónia, é menos própria para conquistar simpatias, do que a operação inversa de aumentar despesas. Mas estou disposto a arrostar com o odioso da empresa. Nem eu vim a Angola, com outro propósito.

Não é possível continuar a exigir da Metrópole que lance no sorvedouro do orçamento desta Provincia as magras economias da sua produção.

A autonomia administrativa tem evidentemente largas vantagens, mas acarreta pesados sacrificios. Teremos de os suportar, confiados e cheios de fé no futuro brilhante que não pode faltar a uma colónia tão rica e activa, como esta Provincia de Angola.

Meus senhores! Devo relembrar nesta solenidade os enormes sacrificios que a Metrópole Portuguesa tem feito, nestes últimos anos, em proveito desta sua predileta Colónia.

Mais 125.000 contos foram, a meu pedido, postos agora á disposição da Provincia para acudir á sua crise.

A tão grandes sacrificios deve corresponder o nosso reconhecimento e o dever sagrado de, cada vez mais, es-

treitar os laços que nos prendem á Mãe-Patria.

Por mim, devo aqui dar publico testemunho do meu reconhecimento aos cinco governos da Republica com quem tive a honra de tratar as questões de Angola.

Não desejava especificar nomes, para não suscitar porventura justos melindres; mas seria tambem grave injusticia não lembrar os nomes de s. ex.^a o Ministro das Colonias, João Belo, e de s. ex.^a o Ministro das Finanças, Sinel Cordes, com quem mais directamente ajustei os termos do último financiamento e os pormenores da sua applicação.

Entendi solicitar a cooperação de algumas pessoas, extranhas á Provincia ou delas afastadas. O sr. Secretario Provincial do Interior major Leite de Magalhães é uma conhecida e interessante figura de estudioso e de homem de acção e que toda a Provincia conhece, porque já lhe deu a honra de o eleger deputado ao Congresso da Republica.

Tudo o mais que em seu elogio quizesse dizer seria inutil, por superfluo e mesquinho.

O ex.^{mo} sr. Joaquim da Fonseca, Secretario Provincial de Finanças é tambem conhecido da colónia, como zeloso e inteligente funcionario de fazenda.

O ex.^{mo} sr. dr. Damas Mora que vem apenas como inspector dos serviços de saúde, é simultaneamente um homem de ciencia, um clinico distinto e um organizador notavel. Angola conhece-o, porque muito lhe deve.

Os outros colaboradores por mim escolhidos; srs. engenheiros Mario Reis, Secretario Provincial das Obras

Publicas: dr. Pessoa Lopes, chefe de gabinete; 1.^o tenente Castela, ajudante de campo e João do Nascimento, meu secretario particular, são novos na Colónia; essa qualidade foi precisamente em dos motivos da minha escolha. A Colónia vendo-os ao trabalho terá occasião, como eu, de os conhecer e apreciar.

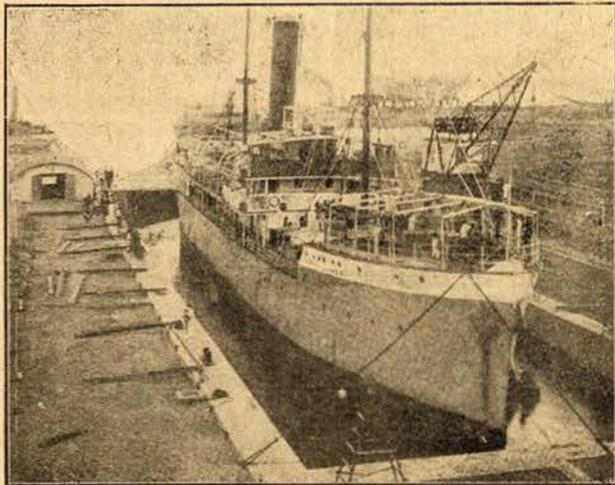
Meus senhores — Se escolhi livremente os meus immediatos colaboradores, como a lei me faculta, não quero isso dizer que tenha em menos conta os merecimentos e a lealdade dos funcionarios que estão na Colónia.

Conheço muito bem os seus altos merecimentos e conto, em absoluto, como seu leal concurso.

Sr. Encarregado do Governo: A v. ex.^a renovo os meus agradecimentos pelas boas vindas que me desejou. Aproveito o ensejo para pedir a v. ex.^a que continue prestando a esta Colónia os bons e notaveis serviços que desde ha tantos anos lhe vem prestando. O alto cargo que v. ex.^a occupou, durante a longa interinidade que se seguiu á saída do Alto Comissario sr. Rego Chaves, deu a v. ex.^a ensejo para afirmar igualmente as suas qualidades de homem de govêrno, previdente, sensato, ponderado e capaz de assumir responsabilidades.

Não posso dirigir a v. ex.^a melhor elogio que citar lhe a opinião unanime dos seus camaradas da Armada — «O comandante Sales Henriques — disseram-me — é a pessoa leal, sensata e conhecedora, com que o Alto Comissario sempre pode contar».

Sr. comandante Sales Henriques, eu conto com v. ex.^a não só como alto funcionario desta provincia, mas como conselheiro e camarada; e espero em breve conta-lo tambem como amigo.



Pequena doca seca

Pôrto e caminho de ferro de Lourenço Marques

E' universalmente conhecida a importancia desta linha ferrea, a melhor apetrechada nas nossas colonias e igual, senão superior, ás melhores da Africa do Sul, tanto pelo seu valor tecnico como pelo valor economico que resulta da supremacia da esplendida baia de Lourenço Marques, para o trafego do Transvaal, onde o esforço portuguez instalou um pôrto comercial dos melhores do mundo.

Porisso as relações luso-britanicas na Africa do Sul giram principalmente á roda deste precioso fulcro da actividade economica das respectivas colonias, que a nossa tenacidade e esforço colonizador tem sabido manter bem nacional, apesar das cobiças e ambições de que tem sido alvo.

Em breves dias estará em Lisboa, a convite do governo portuguez, o general Hertzog actual presidente da União. Como vão ser discutidos pontos de vista de primacial interesse para a nossa colonia do éste-africano julgamos oportuno, com as gravuras deste numero da *Gazeta*, lembrar a importancia que para Moçambique tem o seu caminho de ferro de Lourenço Marques e o respectivo pôrto.

As suas principaes caracteristicas são as seguintes, segundo o relatório do sr. eng. Pinto Teixeira ha pouco apresentado ao decimo Congresso internacional dos caminhos de Ferro.

Extensão — 340 quilometros.

Via de — 1,ª 067.

Peso do carril por metro — 40 quilogramas.

Travessa metalica — fixação por *crapeauds*.

Rampa maxima — 2,5 %.

Raio minimo — 250 metros.

Material circulante. — Locomotivas tipo «Santa Fé» e «Pacific» (da Casa Baldwin que nos forneceu todas as fotografias publicadas) rebocando 1.200 toneladas, e locomotivas *tenders* de 4.102. Peso em marcha 130 e 70 toneladas de carga sobre *boggies* e 22 toneladas sobre duas rodas. Carruagens para passageiros sobre *boggies*, com 19 metros de comprimento e corredor lateral.

Trafego. — 1500.000 toneladas de mercadorias e 330.704 passageiros. O trafego de tranzito ascende a 247.000 toneladas e o de carvão de pedra a 700.000. A maior parte do trafego

passa no pôrto, o mais bem apetrechado da Africa do Sul, com caeacostavel, guindastes electricos de 5 a 60 toneladas, etc. As principaes mercadorias transportadas são madeira, pedra, tijolos, vinho, arroz e panos.

As receitas de exploração ascendem a 384.000 libras e as despezas a 162.000. As receitas de exploração do pôrto representam 42.000 libras e as despezas 36.000. O movimento do pôrto atinge 9.354.800 libras.

Segurança da exploração. — Não ha vedações nem guardas nas passagens. A rinalisação é do sistema corrente.

Pessoal. — O numero de agentes permanentes do pôrto e caminho de ferro, incluindo indigenas, era em 31 de dezembro de 1924 de 2678 mas este numero baixou a 2188 pela organização dos serviços feita em outubro de 1925, ficando a menos 190 europeus ou equiparados e 300 indigenas, o que reduziu a percentagem de agentes a 5,92 por quilometro, compreendido o pessoal da linha de Gaza, da extensão e 29 quilometros. (M. Raul de Amaral, capitão do pôrto.)

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:

LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMOVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
| *Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.^{ny}*

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores Muralo «Murie». preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotes e taboas, assim como travessas para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias, Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
| Estancia 493

LOURENÇO MARQUES



Macau

A situação desta colónia e as realizações a efectivar para o seu progresso economico, segundo as declarações feitas ao «Diario de Noticias» pelo seu actual governador

A imprensa do pais, mas principalmente a de Lisboa, tem-se referido á situação da Macau, já derivada dos acontecimentos da China, já determinada pelo precario estado das suas finanças e pelo cuidado que deve inspirar a sua administração.

De facto, não é animadora a situação da colónia sob qualquer destes aspectos.

E se sempre foi facil a critica e a imposição de responsabilidades, não dirá a imprensa, quer da metropole, quer da colónia, que eu a utilisasse em artigos ou entrevistas para objectivos que não fôsem de interesse pela colónia, sem ninguem molestar ou deprimir.

Demais sei eu que a difficil missão de governar é ingrata, pois governar é descontentar, na frase de Anatole France.

Chamado pelo grande general sr. Gomes da Costa a dirigir novamente os destinos da colónia, a insistencia que me foi feita e as provas de consideração posteriormente recebidas prenderam-me pelo apreço em que foram tidos serviços prestados no cumprimento dos meus deveres de modesto funcionario colonial e trouxeram-me a convicção de que a justificação dessa insistencia não residira em considerações de ordem politica que impusessem para o desempenho do cargo um mandatario de qualquer facção ou partido.

De resto, as colónias não estão em condições de ser submetidas a caprichos ou imposições de qualquer natureza, nem compreendem que o significativo do termo «politica» traga outra lembrança que não seja o conhecimento das suas exigencias, internas e externas, e o desvelo pela sua administração integrada na forma de governo do pais, o que implica, para os seus governadores, serem, politicamente, os delegados do Estado republicano em plena acção nacional.

O problema de Macau é o de todas as nossas colónias: uma prudente economia, distribuição acertada das receitas e inteligente atracção de elementos que possam poderosamente influir no desenvolvimento economico e expansão do comercio local.

Quanto a compressão de despesas, algumas foram já sancionadas pelo muito illustre ministro das colónias de modo tal que o orçamento deste ano pôde equilibrar-se um pouco, na verdade, á custa do fundo de reserva.

Outras reduções se poderão realizar na colónia, a começar pelas despesas do governador, devendo, quanto

Passada a crise da China, que obriga para defesa da colónia, a conservarmos nela os efectivos que nos dispunhamos já este ano a diminuir, as despesas militares serão muito aliviadas, e nisto está o meu maior interesse.

Nas obras do porto, com o acabamento da empreitada geral do porto exterior e só a realização de obras de retenção de aterros e de propagação, consideraveis economias se hão-de fazer.

Sobre os serviços de marinha, precisos á defesa de Macau e ás nossas colónias do Extremo Oriente, promete



Estação terminus do C. F. L. M.

a vencimentos e a serviços, tomar-se por base, como é desejo do Leal Senado, os de 1912, quando começaram as receitas dos exclusivos a aumentar. Não se notaram então, sobretudo quanto a vencimentos, os exageros e desigualdades de hoje, porque, havendo funcionarios com vencimentos excessivos, ha, por outro lado, humildes servidores do Estado que na colónia vivem com dificuldade.

O coeficiente do custo da vida, aplicado com inteira justiça, e a criação do subsidio de familia devem resolver, com vantagem tambem para o tesouro da colónia, este problema.

sua ex.^a o ministro que, com melhor criterio, passem a constituir despesas de soberania, ficando a cargo da colónia a sua marinha privativa, para policiamento do porto e ligação com as demais dependencias.

Só assim, depois de uma rigorosa compressão de despesas, haverá autoridade para se reverem as contribuições.

É deficiente a verba inscrita nos orçamentos anteriores resultante da percentagem que cabe á colónia na circulação fiduciaria, que em 1925 atingiu 554.518 patacas.

Em substituição de 2.000 patacas

inscreveu se na receita, a cobrar do do banco emissor, uma verba de 25.000.

As tabelas da lei do selo carecem de atenta análise, como atentamente precisam ser examinadas as matrizes prediais, porque não se compreende que o valor da propriedade em Macau seja apenas de 1.500.000 patacas para render 150.000 ao Estado.

O rendimento do ópio, que devia com grandes probabilidades ser maior no próximo ano económico, por circunstâncias morais que haviam de influir para assim acontecer, terá, infelizmente, de se sujeitar ás contingências impostas a Portugal, de forma pouco justa, e que vão reflectir-se exclusivamente nas finanças de Macau.

As vendas em hasta publica foram abolidas na Índia Inglesa em abril desta ano e daí resulta que nenhum ópio pode ela exportar, a não ser que seja vendido pelo governo, que tem o monopólio da exportação, a outros governos do Extremo Oriente com os quais tenha contratos de venda. E entre os países nestas condições, por ora, não figura Portugal.

Estas exportações dentro de 10 anos serão abolidas definitivamente e até lá diminuirão 10%, progressivamente, todos os anos, a partir de 1927.

Seria de justiça que a Portugal fôsse dado o tratamento de nação favorecida, como á França ás Índias Neerlandesas e até ao Sião.

Bem basta a Macau a circunstância de ter de executar, a partir de julho de 1927, o novo sistema de exploração do ópio, uma vez que retificou o respectivo protocolo assinado, o ano passado, pelos nossos delegados á Conferencia de Genebra.

Assim, ter-se á de estabelecer a «regie» para a preparação e venda da droga, com o intuito, ao que parece, de melhor se evitar o contrabando.

Este sistema é, todavia, tão falível a este respeito, como o do monopólio porque a China é a primeira a produzir ópio em todo o Sul, fazendo dele farto contrabando.

Para Macau a «regie» tem ainda o inconveniente de não ter dado resultados, como a experiencia já o demonstrou.

O governo de Macau emprega e continuará empregando os seus melhores esforços para reprimir o trafego ilícito do ópio em conformidade com as convenções internacionais.

Procurar-se-á estabelecer a «regie» mas ha-de ser difícil, muito difícil mesmo, adotar-se imediatamente esse sistema por falta de pessoal competente para a direcção dos serviços, tendo estado o negocio sempre em mãos de chinas.

Daqui o prejuizo imenso que prevejo na execução do que nos é imposto, sem se atender a que, para a modificação deste regime, se deveria fixar um prazo, pelo menos, de 2 anos começando a executar se em 1929.

Não se dirá com justiça que o rendimento do ópio, em Macau, não tenha merecido ao governo a mais moral e cuidadosa applicação. Visa aos

melhoramentos do porto, aos serviços de sanidade á es dotações que se vêm inscrevendo no orçamento como auxilio a casas de beneficencias, a obra de educação e hospitalização, principalmente, de chineses.

Tudo isso terá, pois, de ser reduzido, se as circunstancias do tesouro fôrem demasiadamente exiguas.

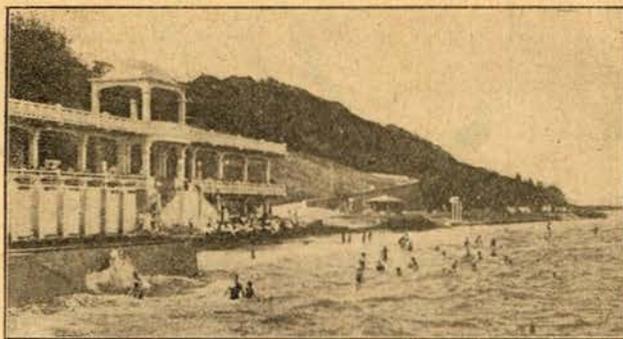
Já este ano foram suprimidas da despesa extraordinaria as verbas destinadas a auxiliar a construção de um edificio para educação feminina e de outro para instalação propria dos correios, aliás de urgente necessidade.

Belo sintoma para a colónia seria que todas as verbas para melhoramentos locais, inscritas, pelo governo de Macau, no projecto de orçamento e eliminadas pelo governo da metropole — penoso recurso para o equilibrio do orçamento, — pudessem ser no proximo ano restabelecidas, e com elas outras com destino a obras de canalização de agua e esgotos, com que a colónia precisa ser dotada para poder satisfazer ás exigencias de uma cidade moderna.

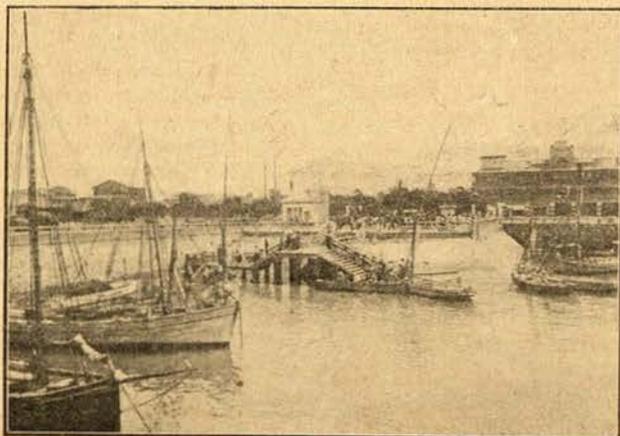
Macau continuaria assim as suas tradições de boa administração, vivendo dos seus proprios recursos e não onerando a metropole, como ha largos anos vem sucedendo, pois é notorio que sempre lhe tem valido com o seu auxilio, como quando da Grande Guerra, oferecendo o subsidio de £ 100.000, do seu cofre, para hospitalização de feridos e pensão a viúvas, e sempre tem prestado ás colónias irmãs, em épocas de crise financeira, concursos valiosos.

Assim, tendo presente a relação dos debitos, da metropole e de outras colónias, a Macau, posso afirmar que a sua situação financeira se modificará bastante se esses debitos forem solvidos ou, pelo menos, parte deles, como espero conseguir.

Neste sentido o ministerio das Colónias auxilia-me com uma dedicação digna de louvor e o actual ministro, sr. João Belo, que vem prestando ás questões coloniais um esforço inteli-



O pavilhão da Praia da Polama



Doca para pequena cabotagem

gente e merecedor de distinção, acaba de estabelecer, para Macau, em atenção ao que deixo exposto, um tratamento especial, quanto a fornecimentos e pagamentos feitos aqui na metropole, não exigindo á colónia quaisquer fundos, antes determinado que sejam levados á conta de despesa de soberania os que, sem duvida, indevidamente, pretendia impor a Macau.

A colonia não esquecerá estes factos, como deverá reconhecer que o alto commissario de Angola, sr. Vicente Ferreira, foi o primeiro a interessar se pela liquidação do débito de Angola a Macau, mandando satisfazer já uma parcela importante do seu débito, que data de ha longos anos.

Eis em resumo a discriminação desses débitos:

Macau tem a receber:

Do ministerio das Colonias.....	\$ 36.800,00
Idem dos Estrangeiros.....	\$ 81.752,00
» das Firanças.....	\$ 71.204,00
» da Guerra.....	\$ 117.680,00
» da Marinha.....	\$ 755.400,00
Do Estado da India.....	\$ 56.338,94
De Angola.....	\$ 316.206,86
De Cabo Verde.....	\$ 213.119,71
De S. Tomé.....	\$ 41.592,60
Da Guiné.....	\$ 3.401,24
De Timor.....	\$ 967.304,55
De Moçambique.....	\$ 338.466,83
	\$2.999.264,73

Verifica-se, portanto, que os débitos, da metropole e das colónias, a Macau ascendem a cerca de tres milhões de patacas que, ao cambio actual dá quantia superior a 30.000 contos.

A principal obra a realizar em Macau é a que deriva da navegação do porto, da industria e do commercio. O auxilio á navegação, de preferencia nacional ou com capitais nacionais e estrangeiros, sobretudo chineses, deve ser um motivo de grande insistencia. Por outro lado, as vantagens que é forçoso dar á industria, principalmente ás novas, o estimulo ao commercio, por meio de facilidades bancarias, são questões que, embora complexas, tem de ser resolvidas na colónia, como meios indispensaveis de interessar a região chinesa em volta de Macau, no ressurgimento da cidade.

Todas as prosperidades do porto elevado á altura que é para desejar se fundam num maior estreitamento de relações com a região confinante de Macau; mas, neste momento, é impossivel caminhar resolutamente, dadas as complicações trazidas pelos grevistas, que nos envolvem na guerra ao estrangeiro, ilaqueando nos e dificultando-nos as transacções com o «hinterland» e até, ás vezes, privando-nos da agua e dos generos indispensaveis á vida de Macau.

A China está preocupada nas suas lutas internas, mas precisa reparar que não é o desejo de conquista

aquele que anima a nossa politica no Extremo Oriente, não nos podendo ter como seus inimigos pelo injustiça que praticaria.

Qualquer acto de menosprezo por essa tradicional amizade iria ferir os seus proprios interesses, sem favorecer os nossos, de tal modo se conjugam as nossas aspirações.

Portugal, um país pequeno, tem, como a grande nação chinesa, a sua dignidade, e a este respeito não transige.

Facil seria que os elementos perturbadores da vida e da tranquillidade a que Macau tem jus, fossem afastados, a menos que qualquer animo mais excitado dê origem a complicações graves que todos teriamos de sentir e que convém evitar.

O commercio de Macau tem de ser animado pelo das regiões vizinhos, livres de perturbadores.

A China moderna com a cultura dos seus estudantes, a bem dizer europeus, nada tem a desconfiar da politica de atracção que Portugal, por intermedio da sua colónia no Extremo Oriente, quere com ansiedade efectivar, presa a laços da mais franca e intima amizade.

Só assim conseguiremos ver Macau progredir.

ARTUR TAMAGNINI.

Almirante

Augusto Ozorio

«Portugal e a Soberania das suas colonias» é o tema que tem sido insistentemente tratado pelo ex.^{mo} sr. almirante Augusto Ozorio durante a sua permanencia no estrangeiro, quer nos seus discursos em assembleas categorisadas, quer por meio de uma propaganda tenaz na imprensa, especialmente a franceza. No livro e no jornal, sua ex.^a não tem deixado de velar um só momento, com todo o desinteresse e desassombro, pela honra do paiz e pela integridade do nosso dominio colonial, tantas vezes ofendidos ou atacados.

A *Gazeta das Colonias* prestando ao illustre marinheiro as homenagens a que o seu inquebrantavel patriotismo dá todo o direito, não pode neste momento deixar de associar-se á consagração official que lhe foi prestada em portaria do Ministerio da Marinha.

Pedagogia e cultura

Publicou-se o n.º 4 da revista *Vasco da Gama* superiormente dirigida pelo sr. Fidelino de Figueiredo, contendo os seguintes artigos:

D. Pedro e D. Miguel, por M. de Oliveira Lima.

De Re Japonica, por Fidelino de Figueiredo.

De literatura comparada, por Jaime Baner.

A «Georgeida» de Mediuá, por Cabral do Nascimento.

Vida escolar.

Esta ultima parte é uma descrição sumaria dos trabalhos escolares do *Colegio Vasco da Gama* durante o ultimo ano, cuja direcção viu consagrados os seus esforços pela visita do sr. Ministro de Agricultura que, examinando as instalações do curso commercial e a recente criação do curso medio de agricultura, lhe fez os mais rasgados elogios e publicou em seu favor uma portaria de louvor.

«O Instituto»

Revista scientifica e literaria fundada em 1852. é uma publicação bimestral do *Instituto de Coimbra*, de superior cultura, cuja visua agradecemos. Eis o sumario do n.º 5 do 2.º volume da 4.ª serie (*Volume 13* °)

Bolletim do Instituto.

A embaixada de Inacio Mascarenhas em 1641. — Edgar Prestage. (á Catalunha).

O mosteiro de Lervão e as invasões francezas. — Simões de Castro.

Prehistoria de Salamanca. — Morán Bardon.

Teoria da R latividade Restrita. — Gago Coutinho.

Castelos do Distrito de Viana. — Luiz de Figueiredo.

Teoria dos desenvolvimentos das funções analíticas. — Giovanni Giorgi.

Subsidios para a historia da musica em Portugal, a ourivesaria em Portugal, influencia da farmacia na quimica, quimica fisica, etc. etc. são outros assuntos tratados por altas competencias que emprestam a esta preciosa publicação um alto valor scientifico.



Fomento Geral de Angola

(FOGERANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: ESC. 5.400.000\$00

Empreendimentos agrícolas, pecuarios, comerciais, industriais e financeiros, em Angola, directamente ou por meio de empresas que dêes especialmente se ocupem

xx

Sociedades filiais já organizadas:

Compania Agricolo-Pecuarria de Angola

Capital 1.000.000\$00

Compania de Pescarias de Angola

Capital 9.000.000\$00

Sindicato para o estudo do Tabaco em Angola

Capital 1.650.000\$00

Sociedades filiais em organização:

Para exploração do algodão e exploração de oleaginosos

Séde: Rua dos Fanqueiros, 12—LISBOA

End. teleg.: FOGERANG

Presidente do Conselho de Administração

HENRY BURNAY & C.^A

Administrador-Delegado

ERNESTO DE VILHENA

Administrador-Delegado em Africa:

Cor. EDUARDO MARQUES

Loanda, C. P. 332

End. telegrafico: FOGERANG

MISSÕES DE ESTUDO EM VARIAS REGIÕES DA PROVINCIA

EDUCAÇÃO E ENSINO

Valorização das colônias pela educação profissional do indígena e necessidade de facilitar aos descendentes dos europeus o ensino elementar

A CERCA da educação e instrução dos indígenas já muito se ha dito e escrito sobre o assunto e, talvez até ele tenha sido debatido demasiadamente por especialistas aos quais, a meu ver, tem faltado apenas pôr em prática as suas teorias para completa solução do magno problema que agora abordamos.

Não se reproduzindo nos colônias ou possessões africanas, inter ou subtropicais, a raça branca e apresentando a raça mestiça, em que alguns julgam ver o futuro da colonização africana, desde a primeira geração, caracteres de degenerescência, que a condenam a um rápido desaparecimento, surge-nos o nativo preto como o único auxiliar indispensável da colonização e civilização dessas colônias, donde se pode fazer o operário e o trabalhador que o europeu não pode ser, sob o clima debilitante dos trópicos.

O primeiro passo a dar consiste, pois, em transformar esses selvagens e bárbaros em pessoas uteis, incutindo-lhes hábitos pacíficos e conhecimentos agrícolas e profissionais, auxiliando assim a colonização europeia, favorecendo-se a si próprios, tirando da terra mais abundantes produtos, ganhando maiores salários e vivendo mais confortavelmente.

De que nos servem os territórios sem braços produtivos?

Aproveitar a raça negra, amoldá-la ás suas e nossas necessidades, torná-la apta, desenvolvê-la, aperfeiçoá-la como instrumento de produção e de trabalho agrícola e industrial, chmála a nós, á nossa influência, aos nossos costumes e hábitos, dar-lhe das nossas comodidades e confortos a parte compatível com o seu estado social, atraí-lo pela acção civilizadora e humanitária, tal será o desideratum que sómente se pode conseguir pela educação e instrução, mas ministradas por forma a não transformar o indígena, ainda com a mandrice própria da sua raça, numa creatura nova, só pelo facto de saber ler e escrever; mas, sim, a transformá-lo em creatura com o hábito do trabalho, que saiba ler e escrever e português, que permaneça na terra, que a cultive;

emfim, que seja um elemento de progresso e desenvolvimento da riqueza dele e dos outros, transformando-o em unidade ou factor de trabalho, de ordem e progresso.

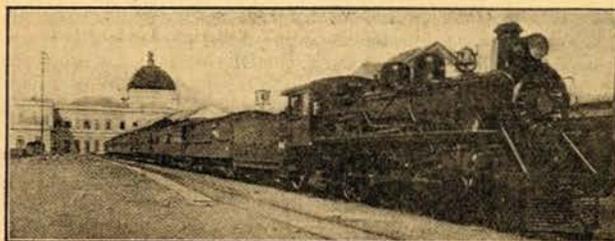
Juntamente com a leitura e escrita, ministre-se o ensino das artes e officios; e, tendo-o feito consciente e conscienciosamente, teremos, não só constituído o mais forte apoio do nosso dominio, da efectiva occupação dos territorios que nos pertencem e a cubiça dos nossos visinhos nos deixou; mas, tambem, teremos, emfim, contribuído com a parte principal na obra gigantesca de educação e civilização indígena.

A educação e instrução do indígena é um problema vital para qualquer colônia e exige a maior atenção e cuidado, dada a sua complexidade.

O ensino deve ser proporcionado,

do, assim, as mais seguras garantias de proficuidade do esforço educativo, nós entendemos que é indispensavel que o ensino profissional, que procura melhorar o rendimento do trabalho manual, concorrendo para o progresso económico e correlativa complicação das necessidades humanas, seja acompanhado da educação moral necessária á formação do carácter, e duma política religiosa, variante, segundo as condições locais.

Aos indígenas, deve-se dar uma acentuada instrução profissional, não pretendendo impôr ao negro uma educação literária que ele com dificuldade assimila, e devendo, pelo contrario, aproveitarem-se as suas qualidades de habilidade manual e de paciencia para o aprendizado das profissões em que as necessidades locais permitem aproveitá-lo.



Comboio de passageiros para Johannesburg

isto é, apropriado ás regiões, aos tempos, ás raças e ás circunstâncias.

Os educadores dos indígenas devem trabalhar continuamente a seu lado, ensinando com paciencia e carinho e demonstrando com o exemplo da propria existencia a superioridade das suas doutrinas e dos seus processos.

Nada poderá surtir efeito educador e civilizador comparavel ao contacto directo e diário entre os indígenas e os seus dedicados educadores!

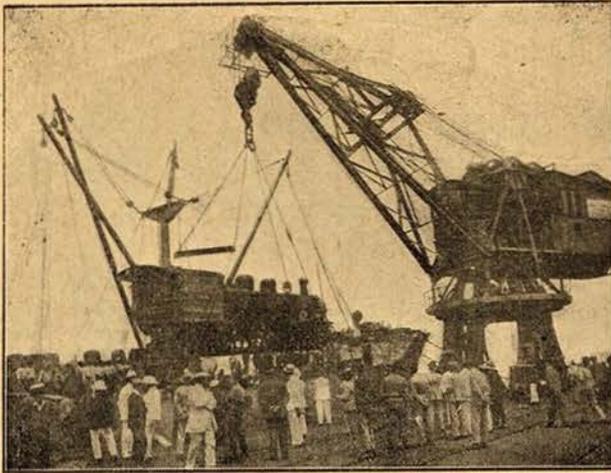
Sendo, pois, a maneira de viver dos povos e a sua capacidade productiva, bases de toda a evolução social e sociológica, e concorrendo os melhoramentos locais, o fomento industrial, as explorações agrícolas e a organização racional do trabalho, para o aperfeiçoamento intelectual e moral das populações indígenas, constituin-

Não nos devemos esquecer de que todos os povos têm atingido um elevado grau de civilização e de progresso técnico, anteriormente a possuírem conhecimentos literários que hoje nos parecem indispensaveis para seguir qualquer profissão.

O ensino a ministrar aos indígenas deve ser nitidamente profissional e a instrução literária deve ser rudimentar, limitando-se apenas á leitura e escrita, operações de aritmética e umas noções de higiene prática.

Contudo, este ensino deve ser modelar e absolutamente pedagógico, não nos esquecendo nunca de que quanto mais elementar é o ensino e mais atrasado o aluno, melhor tem de ser o professor e mais rigorosa a sua escôlha.

Deve, pois, haver o maior cuidado no recrutamento dos professores que,



Guindaste de 60 ton. descarregando uma locomotiva

além do seu curso, devem frequentar a Escola Colonial a fim de aprenderem a hygiene colonial e a língua da região a que se destinam bem como uns conhecimentos de etnografia que lhes permitam estudar o meio para onde vão exercer a sua profissão e as condições especiais e étnicas dos seus alunos.

Para recrutamento dos mestres profissionais é necessário haver o mesmo escrupuloso cuidado, pois, estes, além das qualidades profissionais precisam dispor de qualidades morais e pedagógicas, que em regra são difíceis de encontrar.

Deve-se procurar substituir o mestre europeu pelo mestre indígena, logo que isto seja possível, a fim de que os primeiros conhecimentos sejam tomados na língua local.

Sómente se devem criar as escolas que possam ter o necessário para o seu completo funcionamento, quer em material, instalações, etc.; quer em recursos materiais para o seu pessoal, a fim de se evitar insucessos.

Deve-se banir a política no recrutamento do professorado e na nomeação dos directores do ensino nas colónias. A única política deve ser a da competência e a escolha destes elementos deve ser confiada a quem de direito.

Se o léma seguido fôr este, devemos, para alcançar o almejado fim, criar, e no maior número, «Escolas primárias agrícolas» e «Escolas de artes e ofícios», ensinando-se nas primeiras a cultura racional das espécies alimentares e textis, mais próprias da região; e nas segundas, formando ferreiros, carpinteiros, pedreiros, etc., ofícios da mais imediata utilidade e outros cuja falta mais especialmente se faça sentir.

Quanto á parte feminina da popu-

lação, o princípio da instrução deve ser o mesmo, isto é, ensino profissional apropriado, como: serviço doméstico, costureira, lavadeira, etc., que pode ficar quasi exclusivamente a cargo das instituições religiosas, que têm prestado admiráveis serviços em todo o nosso dominio ultramarino e que, sempre serão utilissimas.

Além destas escolas, devem-se criar as «Escolas Centrais» de agricultura e de artes e ofícios, onde se aperfeiçoe o ensino das culturas, das espécies florestais, e os ofícios de maior habilidade e estudo, como condutores de máquinas, serralheiros, juntadores, mecânicos, etc., etc., história e geografia nacional e colonial, rudimentos de aritmética e botânica, etc., seguindo-se, assim, o sistema das escolas de continuação.

Quanto á educação dos filhos dos europeus, não podendo nós fornecer todos os graus de instrução superior e profissional ás crianças europeias, não só pelo escasso numero de candidáto como também pelas despesas que isso acarretaria e pela dificuldade de montar convenientemente esses estabelecimentos de educação, vejamos o que praticamente é possível e realizavel.

Deve haver em todas as escolas de ensino indígena, uma classe, em separado, de estudantes europeus.

Depois, nas Escolas Centrais, além da instrução profissional aos educandos europeus que a desejem, deve organizar-se um curso comercial em que, além do português, se ensine inglês, contabilidade comercial, geografia comercial e industrial. Nos grandes centros, deve-se criar uma Escola Comercial, independentemente das Escolas Centrais, onde se devem habilitar para empregados do comércio, condutores de máquinas, construtores de habitações, agrimensores, etc.

Ha toda a vantagem em as colónias recrutarem, «sur place», empregados do comércio e indústria e pequenos funcionários técnicos, fornecendo-lhes a metrópole os chefes com os respectivos capitais.

Para terminar, concluiremos que perfilhamos absolutamente as seguintes conclusões, que foram aprovadas pelo 2.º congresso colonial realizado em 1924 e que sintetizam a nossa opinião. Elas são da autoria do professor sr. José Gonçalo Santa Rita:

1.º — O ensino a ministrar aos indígenas deve ter um caracter nitidamente pratico.

2.º — Os professores europeus devem receber na metrópole uma preparação especial.

3.º — Deve promover-se a preparação de mestres indígenas.

4.º — O caracter de cada escola deve ser orientado conforme as possibilidades e necessidades locais.

5.º — Deve em cada colónia entregar-se a direcção a uma entidade especialisada.

6.º — Devem, na metrópole, criar-se cursos elementares de preparação de de colónos.

7.º — Deve condenar-se a criação, nas colónias, dos liceus de tipo classico semelhantes aos da metrópole.

8.º — Após o ensino primário geral, o tipo de escola a preconisar para os filhos dos europeus e assimilados deve ser a escola de continuação, de caracter moderno, com secções técnicas justificadas pelas condições do meio.

A. VASCONCELOS

Anunciar na *Gazeta das Colonias*, é contribuir para o progresso e propaganda dos nossos dominios ultramarinos, animando e fumentando as limitadas tentativas de publicações coloniais que entre nós existem.

FOMENTO AGRICOLA COLONIAL

A organização dos serviços agrónomicos
segundo a tese do sr. engenheiro C. de Melo Gerales
discutida no ultimo congresso nacional

As estações agronomicas têm por principal objectivo, efectuar trabalhos de investigação e de experimentação.

Cada uma carece para isso de dispor de:

1.º—Um laboratio quimico e tecnologico.

2.º—Officinas tecnologicas.

3.º—Terrenos para experiencias de cultura (campos experimentaes) e para a propaganda dos melhores processos de cultura (campos de demonstração).

4.º—Maquinas e alfaias agricolas de diferentes tipos.

5.º—Um posto meteorologico.

6.º—Um laboratorio de patologia vegetal.

Os postos experimentaes de agricultura, destinam se a alargar a esler de acção das estações agronomicas.

São estabelecimentos muito mais modestos e que, em regra, basta que disponham de campos de experiencias e de demonstração e de um posto meteorologico.

Como facilmente se compreende, cada estação só pode servir, com proveito, uma zona agricola, ou seja uma região com identicas condições mesologicas, e deve ocupar-se de um numero tanto quanto possivel restrito de culturas, para evitar a dispersão de esforços.

Cada estação deve ter como pessoal tecnico, pelo menos; um engenheiro-agronomo especializado em quimica analitica e tecnologia agricola.

Um engenheiro-agronomo especializado em culturas e maquinas agricolas.

Dois engenheiros-agronomos especializados em patologia vegetal, um para se ocupar dos parasitas vegetais (micologista) e outro dos parasitas animais (entomologista). E o numero necessario de auxiliares tecnicos diplomados pelas escolas secundarias de agricultura (regentes agricolas e agricultores).

Os postos agricolas poderão estar a cargo de engenheiros-agronomos, de agricultores diplomados, ou de regentes agricolas, conforme a sua importancia.

As estações zootecnicas têm por objetivo principal, fazer trabalhos de investigação, como sejam o estudo das raças locais e seu melhoramento, da adaptação de raças exoticas e seu cruzamento com as raças indigenas e da alimentação das especies pecuarias.

Estas estações devem dispor de:

1.º—Um laboratorio de zootecnia.

2.º—Estabulos bem providos de animaes das raças indigenas e exoticas.

3.º—Campos para cultura de forragens e apascentação de gados.

4.º—Uma enfermaria e uma farmacia.

As estações zootecnicas, assim como os postos de cobrição delas dependentes, devem estar a cargo de medicos veterinarios auxiliados por regentes agricolas e enfermeiros.

Pelo que diz respeito aos estudos sobre alimentação dos gados, convem que as estações zootecnicas trabalhem em colaboração com as estações agronomicas.

Cada colonia carece de ter tambem,

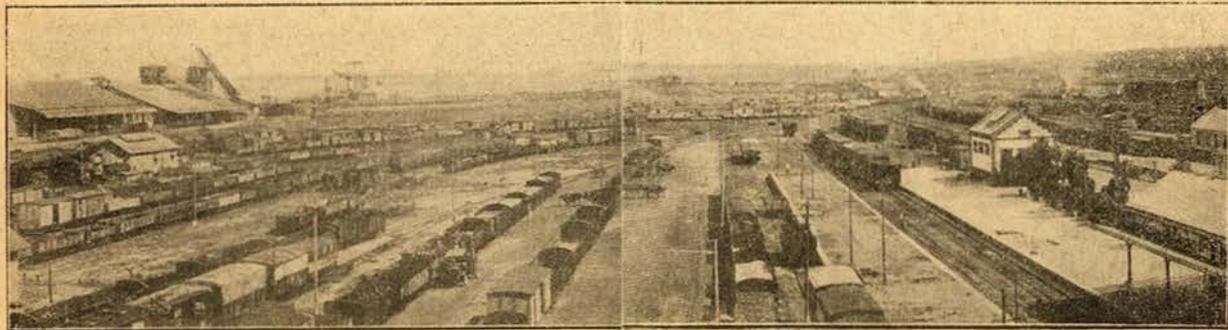
um quadro de medicos veterinarios, encarregados dos trabalhos de sanidade pecuaria. sem o que não é possivel desenvolver convenientemente a criação de gados. Mas para que estes tecnicos possam trabalhar com segurança e o maximo proveito, torna-se necessario que tenham como ponto de apoio, um bom laboratorio bacteriologico e um hospital veterinario em cada colonia.

Alem dos estabelecimentos e serviços que ficam indicados e que são absolutamente indispensaveis, para se promover a serio o fomento agricola colonial, é necessario tambem, especialmente nas colonias da Guiné, Angola, Moçambique, e India, organizar os serviços de silvicultura e do estudo da sua flora.

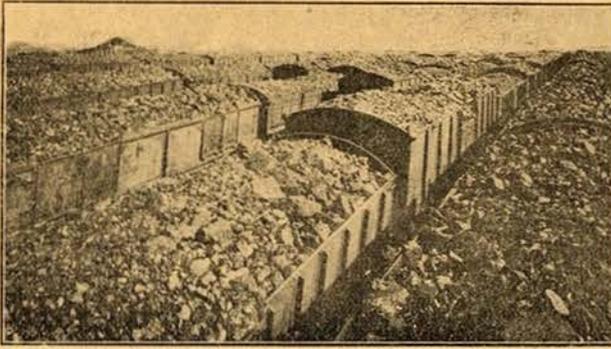
Pelo que diz respeito aos serviços silvicolas, a sua necessidade deriva do facto, de ser da maxima urgencia, determinar as zonas que convem destinar a reservas florestaes, para regularisação do clima e dos cursos d'agua, regulamentar racionalmente a exploração das florestas e proceder ao estudo das essencias florestaes espontaneas sob o ponto de vista silvicola, estudo este que nem sequer ainda foi iniciado.

Com efeito, ácerca da riquissima flora lenhosa das nossas colonias, conhece-se actualmente apenas o nome botanico e imperfeitamente as qualidades das madeiras de algumas essencias florestaes e nada mais.

E' de urgente necessidade pois, estabelecer postos silvicolas nas principaes zonas florestaes das colonias, nos quaes se estudem não só as es-



Vista geral do Pôrto e do caminho de ferro



Comboios de carvão nas linhas de resguardo

sencias florestaes espontaneas mas tambem se tente a aclimação de especies exoticas, especialmente de crescimento rapido, como são os eucaliptos e as acacias.

Quanto ao estudo das flores colonias, requiere ele o concurso de um grande numero de botanicos, bons herbanarios e bem fornecidas bibliotecas e, por isso, tem de ser feito na metropole. E, para se lhes dar o incremento e unidade de acção que o fomento colonial exige, seria para desejar que o Ministerio das Colonias tomasse a iniciativa de convocar uma conferencia em que tomassem parte os professores de botanica e de patologia vegetal do Instituto Superior de Agronomia e o director do Jardim Colonial, para estudarem a forma de levar a efeito taes estudos em intima colaboração. Sem pretender meter foice em ceara alheia, e a titulo apenas de alvitre, julgo que a forma pratica e mais economia de conseguir o fim desejado, seria cada estabelecimento encarregar-se apenas da classificação das plantas de um certo numero de familias, e as colonias interessadas custeariam a despeza a fazer com os indispensaveis coletores botanicos.

Nas grandes colonias (Angola e Moçambique) torna-se tambem necessaria a existencia de uma Direcção central dos serviços de agricultura, á qual competirá especialmente:

- 1.º—A orientação geral de todos os serviços.
- 2.º—Assegurar o funcionamento regular dos serviços.
- 3.º—Coordenar os resultados obtidos.
- 4.º—Promover a propaganda por meio de publicações.
- 5.º—Organizar congressos, exposições e concursos regionaes ou provinciaes, etc.

Mas é preciso não esquecer que, tendo em vista o grande numero de problemas a resolver e a sua complexidade, os serviços de agricultura exigem largas dotações e pessoal

tecnico de primeira ordem e tanto quanto possivel especializado.

Alem d'isso, é absolutamente indispensavel que, uma vez fixado um programa de trabalhos, a sua execução não seja entravada por peias burocraticas ou pela mudança das autoridades administrativas.

Com effeito, ás diminutas, muitas vezes mesmo ridiculas, dotações, á falta de uma rigorosa seleção do pessoal tecnico e á instabilidade dos governadores, e por vezes tambem, á sua demasiada intervenção directa nos serviços de agricultura, se deve em grande parte o pouco que até hoje têm produzido taes serviços.

Pelo que diz respeito aos tecnicos agricolas, nos quadros dos serviços de agricultura das colonias, só devem ser admitidos tecnicos diplomados com o curso de agronomia, de silvicultura ou de agricultura colonias, pois que alem dos inconvenientes que acarreta a admissão de tecnicos desconhecendo as doutrinas professadas nesses cursos, não faz sentido que o Estado mantenha taes cursos, que a lei exija os respectivos diplomas para o seu ingresso nos quadros dos serviços de agricultura das colonias, e o Ministerio das Colonias e alguns governos colonias, nomeem e contratem tecnicos que não possuem os referidos cursos.

Só se admite que se abra excepção, para tecnicos de grande e comprovada competencia, especializados, por exemplo, em quimica analitica ou em patologia vegetal ou ainda que se destinem a exercer, nas grandes colonias, os cargos de directores dos serviços de agricultura, visto que a estes ultimos, o que sobretudo ha que exigir, é uma solida cultura agronomica geral, espirito organizador e empreendedor e muito bom senso.

Mas para atrair para as colonias bons tecnicos, e insisto, os serviços de agricultura das colonias exigem que eles sejam dos melhores, torna-se necessario remunerar-os condignamente e facultar-lhes os meios mate-

riais indispensaveis, a um proficuo labor.

Porque a verdade é esta: pessoal barato e que se contente com deficientes meios de trabalho, é o pessoal mais caro e mais nocivo que se pode mandar para as colonias; e por esta simples razão, é que pouco ou nada produz e desacredita os serviços e os tecnicos dignos deste nome. Porquanto é preciso não esquecer que em todas as classes, ha bom mau e até pessimo.

A este respeito informa Challey, ao referir se ao Relatorio do comité em carregado de estudar a reorganização dos serviços de agricultura das colonias inglezas, apresentado ao parlamento britanico em junho de 1920 — «Au bon recrutement de ces agents de tous ordres et de tous grades, ce Comité attache tant d'importance, qu'il recommande avec force, de les payer ce qu'ils valent, tout ce qu'ils valent. Si tous ne leurs offrons pas dit'il, de forts traitements, nul candidat capable et qui se sen, de l'avenir, ne se preparera à cette carrière, encore mal connue; et, bien pis, aucun n'y persévérera, car les entreprises privées nous les disputeront et enlèveront. La dépense sera considérable. A quelques uns, elle paraîtra excessive. Comme pour les médecins, dont je parlais plus haut, il faut prévoir des traitements élevés capables d'attirer et de retenir. Mais, dit le Comité, qu'est-ce que cette dépense auprès des résultats entrevus? La dépense initiale comparativement légère, ne procurera pas seulement à chaque colonie une augmentation de revenus; il en résultera un accroissement de production de matières premières utilisables, qui contribuera à la restauration de la situation financière de l'Empire tout entier».

A' questão recrutamento do pessoal, está intimamente ligada a do ensino da medicina veterinaria, da agronomia e da agricultura colonias na metropole.

Este ensino ministrado actualmente na Escola Superior de Medicina Veterinaria, no Instituto Superior de Agronomia, no Jardim Colonial e no Museu Agricola Colonial, já atingiu um grau de desenvolvimento assaz li-songeiro, apesar das modestas dotações de que têm disposto estes estabelecimentos.

Porem torna-se necessario melhorar-o, para o que é indispensavel elevar as dotações dos referidos estabelecimentos. Julgo que a forma mais pratica, e justa tambem, de tal conseguir, seria as colonias inscreverem nos seus orçamentos, verbas especiaes destinadas a subsidiar não só mais largamente o Jardim Colonial e o Museu Agricola Colonial, mas tam-

bem, a Oficina e o Laboratorio de Tecnologia Agricola Coloniais, as cadeiras de Agronomia Colonial e o Laboratorio de Patologia Vegetal do Instituto Superior de Agronomia e a Escola Superior de Medicina Veterinaria.

E a proposito destes estabelecimentos, é preciso não esquecer que eles são tambem indispensaveis centros de investigação scientifica e tecnica e que uma das suas funções, é trabalhar em intima colaboração com os serviços officiaes de agricultura das colonias, do que resulta uma maior soma de trabalho produzido e um muito menor dispendio, do que se tais trabalhos fossem só feitos nas colonias.

E, pelo que diz respeito ao Jardim Colonial e ao Museu Agricola Colonial, são, além d'isso, como é bem sabido, tambem utilissimas instituições de educação e de propaganda coloniaes.

Com efeito segundo o diploma organico destes estabelecimentos (Dec. n.º 5717 de 10 de maio de 1919) os objectivos do Jardim Colonial são especialmente, os seguintes:

1.º—Fornecer plantas e sementes ás colonias portuguezas e promover a introdução de novas culturas nas referidas colonias;

2.º—Servir de intermediário entre os serviços agricolas officiaes ou os agricultores das colonias portuguezas e os Jardins Botanicos, os Jardins Coloniais e viveiristas das diferentes nações e os estabelecimentos officiaes das colonias estrangeiras e paizes quentes;

3.º—Fazer ensaios de aclimação e promover a introdução de plantas economicas e exóticas na metropole;

4.º—Fazer trabalhos de trematologia em plantas economicas das zonas tropical e sub-tropical;

5.º—Fazer o estudo sistematico da flora economica das colonias portuguezas e organizar os respectivos erbarios;

6.º—Contribuir, juntamente com o Museu Agricola Colonial, para o estudo economico das plantas e respectivos produtos das regiões tropicais e sub-tropicais, com o fim de elucidar sobre a possibilidade da sua exploração economica nas nossas colonias ou de melhorar as explorações existentes;

7.º—Promover o estudo da fitopatologia colonial e respectivos tratamentos preventivos ou terapêuticos;

8.º—Divulgar conhecimentos sobre a flora e a agricultura coloniaes e fornecer, juntamente com o Museu Agricola Colonial, as informações sobre assuntos da sua competencia, que lhe forem solitados por entidades officiaes ou particulares;

9.º—Contribuir juntamente com o Museu Agricola Colonial para que o ensino da Agronomia Colonial, ministrado pelo Instituto Superior de Agronomia, possa ser feito pela forma mais proveitosa possivel.

Quanto ao Museu Agricola Colonial, os seus objectivos principais são, além dos que já foram indicados a proposito do Jardim Colonial, nos n.ºs 6, 8 e 9, mais os seguintes:

1.º—Fazer o estudo scientifico e técnico dos productos agricolas e florestais das colonias portuguezas e dos seus derivados, bem como daqueles que provenham das colonias estrangeiras e paizes quentes, cuja produção convenha estabelecer nas nossas colonias.

2.º—Divulgar conhecimentos sobre a origem, produção valor e aplicação dos productos agricolas e florestais das colonias portuguezas e seus derivados, bem como daqueles que procedam das colonias portuguezas e seus derivados, bem como daqueles que procedam das colonias estrangeiras e paizes quentes e cuja produção convenha estabelecer nas nossas colonias.

Conviria tambem que cada colónia inscrevesse anualmente no seu orçamento, uma verba para missões de estudo em colonias estrangeiras e paizes quentes.

Com efeito, é pratica de ha muito seguida nos paizes colonias mais avançados, enviar os seus tecnicos, especializar se ou simplesmente colher dados directamente, em estabelecimentos estrangeiros, com o que têm colhido os melhores resultados.

Quanto ao desenvolvimento da agricultura exercida directamente pelos indigenas, deve ela merecer toda a atenção, tanto mais que certos productos só podem ser explorados com vantagem por eles.

A forma mais pratica de o promover, consiste em lhes distribuir boas sementes, levar-os pelo exemplo em campos de demonstração e pelo ensino pratico, a melhorar a pouco e pouco, os seus processos de cultura

e de preparação dos productos, e para certos productos cuja preparação exige material e conhecimentos que não estão a seu alcance, fixar preços remuneradores a esses productos em bruto e fomentar o estabelecimento de officinas, por simples colonos ou emprezas, para a sua preparação.

Por ultimo, é evidente que o fomento agricola das colonias, exige a existencia de uma repartição de agricultura no Ministerio das Colonias, tornando-se pois necessario, anular a disposição legal que indevidamente a suprimiu.

Julgo-me dispensado de demonstrar, o que é mais do que um axioma, e apenas lembrarei, que em todos os ministerios das colonias, existem taes repartições e até direcções geraes, como por exemplo na Belg'ca.

CONCLUSÕES

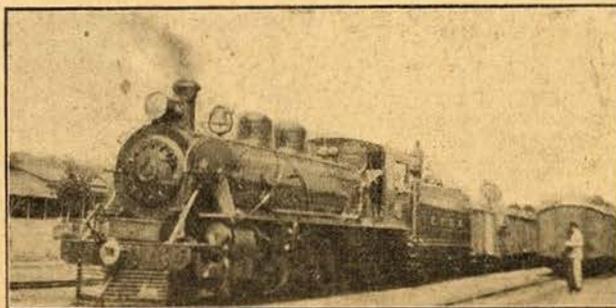
1.º—O fomento agricola nas colonias exige, ainda mais do que na metropole, uma intensa e extensa intervenção das sciencias agronomicas e medico-veterinarias.

2.º—A assistencia tecnica e a propaganda agricola nas colonias, têm que ter por base a investigação scientifica e técnica e a experimentação *in loco*, sendo por isso indispensaveis bons laboratorios, campos de experiencias e de demonstração e os seus anexos.

3.º—A assistencia técnica tem que ser assegurada especialmente pelo Estado, por intermédio dos seus estabelecimentos de investigação, experimentação, ensino e propaganda agricolas, tanto das colonias, como da metropole.

4.º—Torna-se da maxima urgencia organizar convenientemente, os serviços de silvicultura nas colonias (especialmente na Guiné, Angola, Moçambique e India).

5.º—Com o fim de dar ao estudo das floras das colonias, o necessario incremento e unidade de acção, conviria que o Ministerio das Colonias tomasse a iniciativa, de convocar uma



Locomotiva em Ressano Garcia

conferencia em que tomassem parte os professores de botanica das nossas Universidades, os professores de botanica e de patologia vegetal do Instituto Superior de Agronomia e o director do Jardim Colonial, afim de se assentar na forma de levar a efeito taes estudos em intima colaboração.

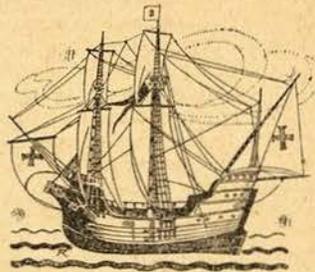
6.º—O recrutamento dos técnicos dos serviços de agricultura, exige uma rigorosa selecção.

E pelo que diz respeito aos técnicos agricolas, só devem ser admitidos nos respectivos quadros, técnicos que possuam os diplomas dos cursos de agronomia, de silvicultura ou de agricultura coloniais, professados no Instituto Superior de Agronomia, ou de cursos identicos de escolas estrangeiras, devidamente legalizados.

Apenas se deverá exceptuar desta regra, especialistas de reconhecida competencia, em quimica analitica ou patologia vegetal, e os técnicos que se destinem a exercer, nas grandes colónias, os cargos de directores dos serviços de agricultura, desde que na metrópole já tenham mostrado possuir uma sólida cultura agronomica geral e espirito empreendedor e organizador.

7.º—Com o fim de melhorar o ensino da medicina veterinária, da agronomia e da agricultura coloniais, e permitir o desenvolvimento dos trabalhos de investigação scientifica e técnica de interesse para as colónias, na metrópole, conviria que as colónias inscrevessem nos seus orçamentos, verbas destinadas a subsidiar o Instituto Superior de Agronomia e a Escola Superior de Medicina Veterinária.

8.º—Torna-se necessário que o Jardim Colonial e o Museu Agricola Colonial, como indispensaveis centros de *educação, ensino, investigação e*



propaganda coloniais, sejam mais largamente subsidiados pelas colónias.

9.º—Com o fim de se conseguir obter para os Serviços de agricultura das colónias, técnicos da mais alta competencia, é para desejar que se adote o sistema de os enviar em missão de estudo, ás colónias estrangeiras e paizes quentes.

10.º—O meio mais pratico de promover o desenvolvimento da agricultura exercida directamente pelos indigenas, consiste em lhes distribuir boas sementes, leval-os pelo exemplo em campos de demonstração e pelo ensino pratico, a melhorar a pouco e pouco, os seus processos de cultura e de preparação dos produtos; e para certos produtos cuja preparação exige material e conhecimentos que não estão ao seu alcance, fixar preços remuneradores a esses produtos em bruto e fomentar o estabelecimento de officinas, por simples colonos ou empresas, para a sua preparação.

11.º—Torna-se absolutamente necessário restabelecer a Repartição de Agricultura do Ministerio das Colónias.

SÁ LEITÃO & C.ª L. DA R. DA MADALENA, 45, 1.º
LISBOA
— Teleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

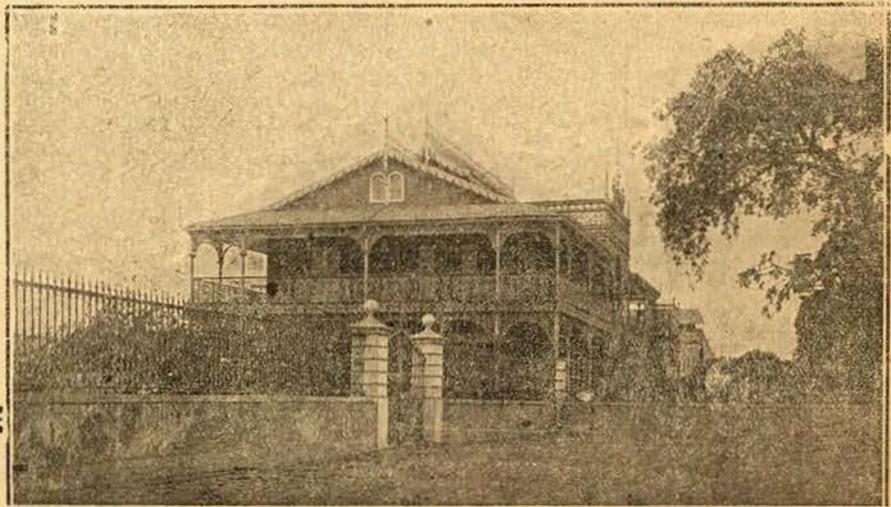
Importação e Exportação

directa das suas casas em ÁFRICA de todos os produtos de ANGOLA (Africa Ocidental Portuguesa)

Café, Cacao,
Coconote, Óleo de
palma, Urzela,
Borracha, Cera de
abelha, Goma
copal, Marfim etc.

Em deposito para
fornecimentos:

Fazendas, Quinquilharias,
Géneros alimentícios, Fer-
ramentas, Vinhos, Oleos e
variadissimos artigos da in-
dustria nacional e estran-
geira



DEPENDENCIAS DE LOANDA

O «JORNAL DA EUROPA»

A sua acção na propaganda colonial

O illustre paladino da imprensa portuguesa, *Jornal da Europa*, que tão longe tem levado a propaganda nacional, especialmente ao Brazil e á America da Norte, está realisando em favor das nossas colonias uma obra que a *Gazeta* não pode deixar de registar com tanta maior obrigação e alegria, quanto é certo que nós temos no seu director, sr. Estevão de Carvalho, um amigo devotado e um auxiliar precioso.

Em numeros successivos da sua edição semanal, o *Jornal da Europa*, modelar sob o ponto de vista literario e grafico-artístico, tem levado a toda a parte do novo mundo paginas brilhantes da epoea nacional, e ás colonias portuguezas tem dedicado numeros especiaes com a colaboração dos nossos mais illustres colonistas.

Como se isto não fóra sufficiente o *Jornal da Europa*, na ancia de realisar uma obra de propaganda colonial ampla e util, conseguiu que o seu secretario da redacção Julião Quintinha, partisse para as colonias numa verdadeira jornada nacional, donde o o escritor consagrado das *Terras de Fogo* e dos *Visinhos do Mar* ha de voltar com o seu sintilante espirito de observação e analyse repleto de novos e esquesitos temas.

Um dos ultimos numeros do *Comercio de Angola*, refere-se a esta jornada literaria nos seguintes termos :

«Julião Quintinha, o arco-iris da literatura, como acertadamente alguém o cognominou, deixou finalmente Angola, depois de durante onze mezes a ter cruzado em todos os sentidos, numa investigação ávida de aumentar a sua bagagem de conhecimentos com tudo quanto nesta provincia ha de interessante para uma intelligencia fulgarante e perspicacia activa como a do escritor da «Cavalgada do Sonho».

Investigou tudo, descerrou do esquecimento do tempo quantas legendas singelas atestam passagens interessantes da colonia.

Cingiu-se um tanto á verdade comessinha da nossa documentação official que ele ha-de fazer realçar no seu estilo colorido, impregnado de tanto e tanto sentimentalismo, profundamente lusitano.

Fôz ao Calaári, e entre areias e mórros meditou; subiu ao Lnbango e, um

pé na Hampata, no «ecran» da sua intelligencia passou todo o «film» das antigas trucidações impostas pelas revoltas do Cuanhama. E construiu uma bela pagina do heroismo militar dos ultimos tempos!

No Lobito o seu espirito pratico viu até onde nos podia levar o problema da Catanga, e regozijado augurou áquella nesga de areia um porvir de estrepido de maquinas em que o grito dos homens do mar, se mistura e condensa na formula pratica de executar negocios em pleno seculo XX.

No Huambo, entre agasalhos de protecção ao rigor do clima planaltico viu a confirmação do character nacional da nossa raça, e desesperado constatou uma crise agricola muito paralela á da mãe-patria. A convite gentilissimo de D. Antonio d'Almeida, essa figura valorosa de militar e de trabalhador, percorreu o Mochico, e ao corpo esbelto das Luenas, [ao seu ritmo e á] sua uniformidade de linhas arrancou o modelo para a descripção da beleza fisica da mulher indigena. Entretanto ia investigando da mentalidade dos colonos, e á pena do proprio governador D. Antonio d'Almeida tirou mais uma joia de notavel apreço que religiosamente guardou. Passou no Amboim e a sua vista dilatou-se naquelle verde glauco fertil; subiu ao Libolo e a sua expressão contorceu-se ao contemplar o quasi inaproveitamento dos palmares.

Em Malange confirmou varias opiniões já formadas e indo ao limiar da Lunda falou de diamantes.

No Congo, Quintinha foi o investigador historico — o Caminha do Rei do Congo — averiguou da dinastia e colheu subsidios historicos de grande valia.

No padrão historico de Diogo Cam, na sua pedra tosea, resou — ele que se diz ateu — resou pelo futuro de Portugal.

A Obra de Julião Quintinha deve marcar um alto acontecimento literario no nosso país. A sua fé, o seu estudo, a sua credulidade, a limpidez do seu character — tudo isto no-lo faz crer.

Julião Quintinha seguiu no vapor *Angola* para a Outra C sta, onde a sua demora será curta; depois contornará a Africa pelo Suez, irá a Jerusalem, e depois, chegado a Portugal constituirá a sua Obra, que deve ser impregnada pelo misticismo do seu ideal, pelas anomalias da sua latitudade, tam imensa de intelligencia como de sonho.»

Pela nossa parte felicitamos o illustre director do *Jornal de Europa*, sr. Estevão de Carvalho, pela sua iniciativa desassombrada e pelas consequencias seguras que ela ha-de trazer á propaganda colonial — pelo livro, pelo jornal e pela documentação fotografica que sabemos ser já importantissima.

Questões Coloniaes

ANGOLA

NOTAS E COMENTARIOS DE UM COLONO

por

Julio Ferreira Pinto

Prefacio de Ferreira do Amaral

Anotações de Veloso de Castro

Publicação recente de interesse palpitante sobre administração colonial, editada por

J. Rodrigues & C.^a

186 — Rua do Ouro — 188

LISBOA — 1926

Escola Nacional

Fundada em 1869 por Barros Proença

Palacio da Anunciada — LISBOA

RUA ALVES CORREIA, 10

Telefone 2749-N.

Directores:

Artur Tamagnini de Sousa Barbosa

José Vicent de Freitas

Instrução primaria, curso dos liceus e curso comercial
internato, semi-internato e externato

Resultado dos exames do ano lectivo findo:

<i>Distinções</i>	29
<i>Aprovações</i>	224
<i>Passagem por média</i>	176
<i>Reprovações</i>	18

*Está aberta a matricula desde 15
de Setembro*

CAMPANHAS COLONIAIS

Memoria apresentada ao 2.º Congresso Colonial Nacional, pelo major Veloso de Castro

(CONTINUAÇÃO)

ESSA coluna de 1908 dispunha de uns 500 homens. Como o maioria era de europeus e a material abundante (500 tiros por espingarda incluindo o municiamento individual, 100 tiros por peça, parque de ferramentas, material de bivaque e material sanitario adequado) e como era forçoso empregar no trem e nas colunas de subsistencias carregadores indigenas, por não haver na zona de guerra caminhos para carros, chegaram a ser empregados nos transportes 1200 indigenas. Calcule-se quanto isto seria embaraçoso; e ainda se dispensavam a maioria dos abastecimentos para as tropas indigenas e todos os dos auxiliares, por uns e outros poderem viver dos recursos locais.

De Loanda houve que estabelecer uma linha de comunicações (zona do interior) que utilisava duas vias: a fluvial do Cuanza até ao limite da sua navegação (Dondo) e a linha ferrea de Malange até á estação mais proxima dessa mesma vila do Dondo que era a base de etapes. Esta zona era extensa de 200 quilometros.

Seguia-se (na zona da rectaguarda) uma linha de etapes de uns 100 quilometros até Calulo, base de operações, e séde da circunscrição administrativa do Libolo. Todo o serviço de transportes nesta linha era feito por carregadores porque ainda não havia então estrada pratical e carros, na subida da serra do Calundulo.

A poucos quilometros de Calulo, sobre a estrada do Balundo, estava se em frente das serranias do Quissongo para alem das quais eram as regiões revoltadas.

Em obediencia aos classicos preceitos de se adoptar em Africa a formação em quadrado para as colunas em marcha para o inimigo, esta foi assim organizada. Mas já sabemos pelo que deixei dito acerca da tactica dos rebeldes, que um tal dispositivo era inutil e foi sempre embaraçoso em quanto não foi modificado.

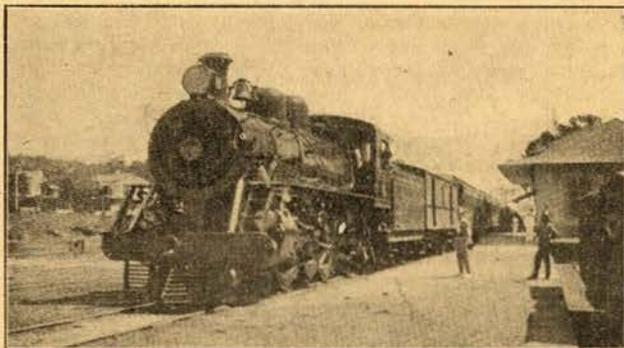
A companhia europeia tinha um pelotão na face da frente e dois num dos flancos. Dois pelotões da companhia indigena ocupavam o flanco oposto e o terceiro formava a face da rectaguarda. Nos flancos marchava-se por pelotões de costado a dois; na vanguarda e rectaguarda marchava-se por secções de costado, prontas a de-

envolver em linha, formando rapidamente o quadrado.

Correspondendo á testa dos pelotões mais avançados dos flancos, marchava entre eles a artilharia seguindo-se uma primeira secção de munições, a ambulancia, o parque de ferramentas, o material de bivaque, uma segunda secção de munições e a coluna de viveres, transportando apenas alimentação para tres dias dos indige-

flanco esquerdo; estes atiradores desenvolviam-se até á obra da frente e assim estavam perfeitamente fechados, porque no nosso flanco direito corria a ribeira, que transpозeramos ha pouco, por entre barrancos inacessiveis.

Avançamos mais 100 metros e foi então que o fogo dos rebeldes começou a ser eficaz. A artilharia cobria todo este avanço varejando sem ces-



Comboio correio vindo da fronteira

nas e nove dos europeus. Contava-se com que ao fim do terceiro dia os indigenas pudessem forragiar e que uma pequena parte da columna pudesse regressar á base para reabastecer os europeus, como de facto sucedeu.

Os flancos, ou faces laterais deste quadrado, tinham que alongar excessivamente para que toda esta impedimenta fosse coberta pelas tropas combatentes, e assim as filas tinham que guardar entre si intervalos grandes.

O primeiro incidente deu-se na passagem dum rio, bastante penosa para o trem e especialmente para a artilharia. Das encostas proximas, porque iam entrando num desfiladeiro apertado, partira um tiroiteio intenso que, embora não alcançasse a columna não deixou de perturbar os elementos indigenas dela.

Fouco depois, ao chegar a vanguarda a uns 200 metros da saída deste corredor, foi a columna sustida por intenso tiroiteio, que partia principalmente dos entrincheiramentos que cortavam a saída, na nossa frente, e duma extensa linha de atiradores que ocupavam toda a crista das elevações que dominavam de perto o nosso

sar, toda a linha das posições inimigas, e procurando abrir brecha na muralha que fechava o caminho.

Ao cabo de um quarto de hora, havia diminuido muito o fogo dos rebeldes e das suas posições as vertentes que ligavam com a muralha eram acessiveis. Lançou-se para ali um pelotão europeu e a posição foi abandonada. Mas, na posse dela, os assaltantes foram logo recebidos pelo fogo intenso duma segunda linha, postada 100 metros atrás, mas cobrindo ainda o caminho. Foi mandado avançar um segundo pelotão, enquanto que o primeiro investia ousadamente com a nova posição, ocupando-a.

Entretanto ainda havia fogo nas posições de flanco mais distantes, que primeiro nos haviam atacado. Um pelotão indigena foi dirigido para ali, por um movimento envolvente que partiu das posições já ocupadas, únicas acessiveis de frente; e a acção ficou assim decidida, mas sem que se pudesse lançar a mão a um só dos rebeldes que, deixando no campo vestigios sangrentos da luta, não abandonaram os mortos, como é seu costume, e muito menos os feridos.

Eu chamo a atenção dos meus camaradas para todo este sistema de defeza, com suas segundas linhas, tão judicioso, como curioso por ser executado por negros que muitos reputam selvagens; e posso afirmar que só a falta de armamento aperfeiçoado entre os defensores (armamento que então só existia no sul de Angola) tornou possível a passagem por ali, a descoberto, de uma tal coluna. E contudo era esse o mais acessível de entre os caminhos que podíamos escolher para penetrar na região revoltada.

Paca-ia-Tólo (desfiladeiro do rio Tólo) foi uma acção que pode ser tomada como molde do modo de combater entre os indígenas, não só do Libolo, como das regiões de feição topográfica semelhante e povoadas por individuos do mesmo tipo ou familia. Por isso me tenho referido tão detalhadamente a ela.

Estas colunas devem bivacar em quadrado, tomando as medidas de segurança que já indiquei no estudo precedente, reforçadas, é claro, de harmonia com os efectivos maiores.

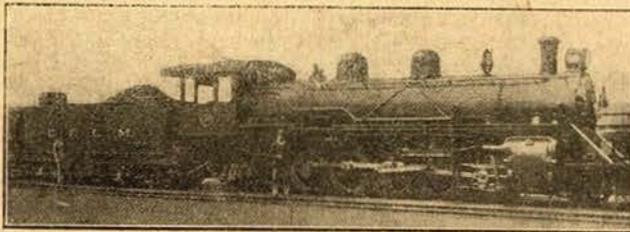
Nesta de que estou falando o primeiro estacionamento foi rudemente atacado, em pleno dia, tendo o combate sido iniciado longe, contra os auxiliares indígenas que andavam forrageando acompanhados de pequenas escoltas, também de praças indígenas. Alguns foram mortos, bastantes feridos, e a audacia dos rebeldes levou os, na perseguição, a atacar o bivaque, então diminuído de dois pelotões, que tinham seguido para a base de operações a escoltar a primeira coluna de reabastecimento. Foi ainda tomando a ofensiva, em duas sortidas, que pudemos repelir esse ataque, porque os assaltantes tinham ocupado muito proximo duas posições favoráveis, uma delas perfeitamente desenhada dos

te fortificadas e diziam as informações que seriam para nós inexpugnáveis (decididos como estavam á sua defeza os revoltados) se as atacássemos de frente, isto é, seguindo o caminho directo.

Operamos então um largo movimento torneante que nos conduzia á rectaguarda dessas posições, com uns dois dias de marcha a mais. Pois bem, a frente da defeza fôra mudada e a resistencia foi grande. Actuou principalmente a artilharia e quando foi possível um assalto de toda a infantaria europeia, esta decidiu o combate enquanto que dois pelotões de infantaria indigena eram lançados na perseguição de numerosos bandos de rebeldes que, muito mais lesto, dispersavam em todas as direcções do lado das primitivas posições, efectivamente muito melhores, dispondo de entrancheiramentos mais completos e dominantes. As grandes povoações que esses entrancheiramentos cobriam e estavam agora do nosso lado, capitais da primeira região revoltada, tinham sido incendiadas momentos antes da nossa chegada.

Portanto o indígena, apesar de batido, não capitulava. Havia outra região a submeter; o sistema de reabastecimento era demorado; as marchas, penosas pela impedimenta e pelos proprios dispositivos, através de extensas florestas e de frequentes desfiladeiros, não chegavam a render mais que dez a quinze quilometros diários; a nova região a penetrar era de feição ainda mais difficil e muito mais afastada da base; resolveu-se então deixar naquele logar um posto de occupação, guarnecido por um pelotão indígena, posto que veio a ser permanente, e tomaram-se novas posições. E' para essas que eu peço a atenção dos nossos camaradas.

1.º—Mandaram-se estabelecer pos-



Tipo de locomótiua Baldwin

nossos fogos. E' bom registar isto, porque começava a dominar-nos a tal ideia que a principio citei de que os pretos não são para temer.

Seguiram-se ainda duas pequenas acções no caminho para o nosso objectivo que era as importantes povoações dos chefes indígenas.

Estas estavam também solidamen-

tos de reabastecimento, em logares favoráveis que não tinham deixado de estar no dominio da nossa anterior occupação, seguindo directamente da base para lá as necessarias colunas e protegendo este serviço, com funções de tropas de 2.ª linha, as guarnições permanentes da circumscrição.

2.º—Poz-se de parte o quadrado

nas formações de marcha, e adotaram-se pura e simplesmente as prescrições do nosso regulamento para o serviço de campanha.

Foi assim que se pôde percorrer rapidamente o resto do Libolo revoltado, á custa de alguns combates, identicos aos anteriores, em centros de resistencia semelhantemente organisados, acabando por se submeterem os dois povos revoltados, acto que teve salutar influencia em muitos outros povos da região que, embora não em armas como aqueles, haviam contudo deixado de cumprir os deveres impostos pela nossa soberania.

Não deixarei passar a oportunidade de relatar um facto curioso. Encontramos a meia encosta da serra da Quissala, na vertente sobre o caminho Calulo-Balundo, uma peça de artilharia de montanha que lá deixára dois anos antes um dos nossos destacamentos que, como já disse, tentára submeter aquele povo. Os proprios rebeldes haviam construido sobre ela um abrigo de colmo assente em quatro pilares de madeira. A peça estava perfeitamente conservada e rodeada de pratos com comida, canecas e outras quinquilharias, como as que eles põem nas sepulturas dos seus mortos.

Preguntados os indígenas sobre a razão destes cuidados, respondem que era para contentar o espirito dos brancos que estava dentro daquela peça; porque elas são tão temiveis que até quando não podem chegar junto deles, lhes mandam de longe os filhos (as granadas) causar o maior dano.

De facto, coluna que disponha de artilharia é entre todas temida por estes povos. Esta fora certamente surpreendida antes de a poder utilizar e surpreendida num logar terrivel para se manter.

Na revolta de 1917-18 que, como já tive occasião de dizer, assumiu um grave character sangrento pelo massacre de numerosos colonos europeus agricultores, e porque se estendeu a todo o Seles, Amboim e Libolo com risco de ir ainda mais longe; nesses annos houve que tomar medidas que facilitassem ainda mais o movimento das tropas, e assim adoptou-se o sistema de pequenas colunas de grande mobilidade que operaram, simultaneamente, contra os principais povos revoltados.

O conjunto dos esforços teve de ser grande e o trabalho penoso durante quasi dois anos. Insucessos houve-os também, como os pode haver sempre na guerra; de entre eles citarei o do malogrado capitão Nepomuceno dos Santos que caiu com toda a sua companhia numa verdadeira rateira tecida em volta do caminho, com fios levantados da linha telegrafica.

Continúa na pag. 27



Índia

A CAÇA AO TIGRE

Dois arrojados caçadores

NUNCA é de mais falar-se da Índia, Ela se apresenta aos ocidentais, sob tão variados aspectos, em tão vivas cores, e, através dos séculos, como espelho das nossas rútilas façanhas — chão donde os nossos maiores poetas colheram fartas inspirações para os seus melhores cantos — que de longe em longe a recordamos, e nos dá o duplo ensejo de mitigar um verdadeiro anseio espiritual e de pôr em relevo os encantos mil de que se cerca a opulenta natureza de que o Oriente se orgulha.

Referimo-nos á Índia Portuguêsa. Quem vá da Europa á Índia pela primeira vez e desembarque em Ceilão, a Erin Oriental, e recorde, quando conheça a história das nossas conquistas, como Dom Lourenço de Almeida, o moço fidalgo de cabelos louros, de que uma linda princeza se enamorou e se matou quando elle morreu pelejando, — com tres caravelas a trouxe para o nosso domínio, mais a devemos admirar.

Ceilão tem encantos que de mil ma-

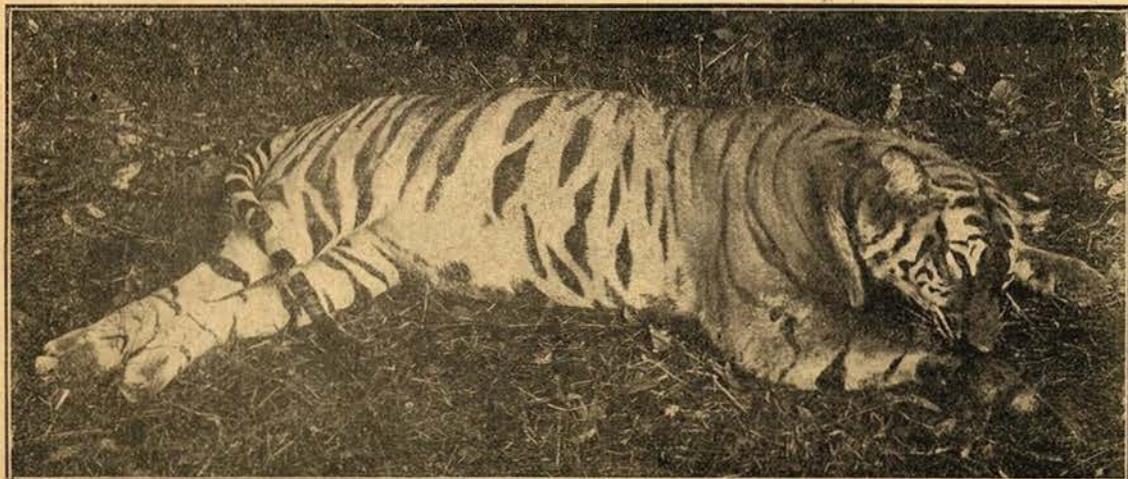
neiras deixam em nós fundas recordações; mas acima dela, dizemo-lo sem hesitar, fica a pequena nesga da costa do Concão, que é nossa, muito nossa, e a que chamamos *Índia Portuguesa*, com vaidade justificada pela beleza dos seus montes, verdajentes e flóridos, surgindo como por encanto, dos lindos vales serpeados de limpidas águas correntes, chão uberrimo onde a paz, socego e harmonia reinam fraternalmente e fazem dessa abençoada terra a nossa melhor herança de glórias passadas, hoje lidas, aí, em páginas de pedra.

Se quem vê Ceilão admira a opulência da sua vegetação, quando chega aos montes e vales da Índia Portuguesa, arrepende-se talvez de ter exgo-tado o seu entusiasmo pelo que devemos colocar num plano secundário.

E' assim como devemos olhar e classificar a Índia Portuguesa. Não vendo-a através da sua pequena cidade, que se chama Nova-Goa, mas admirando as suas montanhas, as florestas, os campos e flóridos arecaes, onde nas manhãs lindas e amenas, en-

tre o gorgeio dos passarinhos, que cantam a madrugada saudando o novo dia, e a sinfonia das limpidas águas correndo pelos regatos e á sombra da elegante e graciosa arequeira, — a bailadeira, a sacerdotiza escravizada, sonhadora, martir eterna dos preconceitos sociais e religiosos, mas que nem porisso deixa de ser alegre e feliz, caminha lesta, em busca do perfume das flores, da frescura da limpida água, dos primeiros beijos do sol nascente.

Quem a veja surgindo entre as umbrôças ramagens, apresentando-se na mais perfeita forma de mulher, envolta numa leve túnica, que parece como uma nuvem a desfazer-se ao brando sópro da aragem, e olha como ela vai quedar se risonha á sombra do caramanchão toucado de flôres de neve, mimosas, que uma a uma, como ósculos de noivado, vão caindo sobre seus hombros, seu colo de ambar, e pela doce primavera da mocidade, — ficará sismando se é uma fada que na hora quieta da madrugada nos vem trazer a boa nova de mais um dia de felicidade...



Esta gravura representa um dos tigres reaes das nossas matas da Índia. Este possante e sanguilento felino, que media 2,^m75 foi morto em 1914 numa batida de caça, pelo caçador sr. José Joaquim Lopes Arez, que durante longos anos exerceu funções superiores no quadro administrativo daquela nossa colonia entregando-se tambem, com paixão, ao arriscado desporto da caça ás feras



Alberto Martins cercado de batedores de caça em Caranzol

Mas não divaguemos. Outro é o assunto de que vamos tratar, e que tem, também, sua poesia, como todas as fortes acções a teem.

* * *

A caçada do tigre é um desporto que exige daquele que a éle se dedica, tóda a coragem, presença de espirito e astúcia, em doses fortes, porque todas as possuem as feras que o caçador vai defrontar.

O tigre, tal qual se apresenta na floresta, em nada se parece como êsses tristes encarcerados nas jaulas do jardim zoológico, aos quais a liberdade, em florestas virgens, no meio de denso arvoredo e profundas ravinhas, dá a magestade, feresa, e êsse fulgor magnéto do olhar, tão diferente dessa tristeza, indiferença e mansidão com que se apresentam os tigres do Jardim e êsses outros que no Coliseu se submetem á varinha mágica da domadora, sonambulos, e embriagados por meio de narcoticos.

Nôol... O tigre, na floresta, aspira a plenos pulmões a liberdade. E a liberdade dá a todo o ser o desenvolvimento das suas feições características.

Na India essa terrível fera é caçada em batida ou nas esperas quando na vespera tenha morto qualquer rez.

O indigena dono do gado dando por falta dele consegue descobrir a cabeça morta pelo tigre e vae dar conhecimento da occorencia a um dos mais destemidos e arrojados caçadores.

Fraca é a luz das estrelas que brilham no firmamento. E alta a noite. E a hora propicia para aventuras arrojadas... Lá vae o caçador. Mas, dia ainda, procura a pequena distancia da presa um sitio recondito. E ali sentado aguarda a noite à espera da fera que certamente voltará a refestelar-se na sua vitima.

De subito ouve-se um formidavel rouco, e outros e outros a seguir co-

mo um repto ameaçador annunciando a sua presença e suas intenções para no caso de estar no sitio algum inimigo, o unico: caçador. Para quem não está habituado a ouvir as vozes das florestas, e roncões como os do tigre real, em noite quasi escura, esses roncões fazem sem querer, bater o coração em marcha desordenada.

Não sucedeu outrotanto ao caçador que o esperava... José Lopes Arez, ao ouvir os roncões levanta-se impassivel pelo que estava prestes a passar-se, calmo e alerta aguardando a aproximação da fera ao pé da rez.

Sabe que vae enfrentar um inimigo implacavel, procurando arredar da memoria o grande perigo a que vae expor-se á morte talvez... mas o que vale tudo isto em frente do prazer, daquela inexplicavel emoção de prostrar em seguida uma fera a tiro de espingarda?

E' tudo o que um devotado caçador sabe apreciar.

Está prestes o momento tragico. A vinte passos, por detraz de uma moita densa dois olhos brilham fulgurantes.

E' ele!... O formidavel tigre real a aproximar-se da rez julgando não estar em frente de nenhum inimigo.

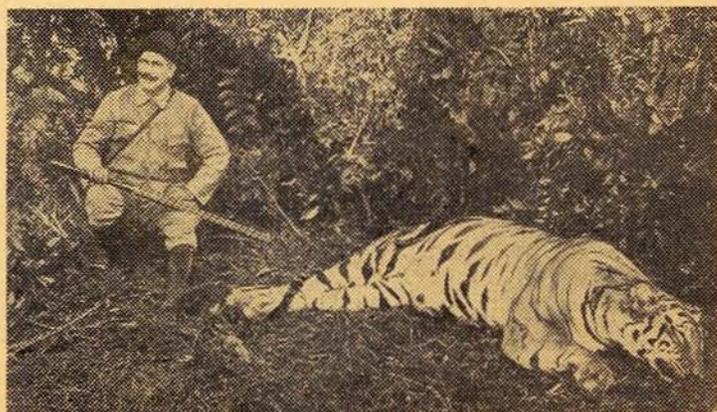
Lopes Arez, calmo e estranho a tudo, só pensa em puchar pelo gatilho quando o grande felino despreocupado esteja já no seu festim saboreando a rez morta e eli postada a oito passos. Dispara. Um tiro no coração prosta o formidavel felino nas ancias da morte, e fez ecoar pela densa mata um tremendo ronco de agonia, furibundo, verdadeiro grito de raiva ou *saudação* ao arrojado adversario.

Ai o vemos, o caçador sr. Lopes Arez tendo ao lado este formidavel tigre real. Está sereno e calmo tal qual como estivera na vespera, quando poderia ser vitima do seu perdilto desporto a que se dedica com grande entusiasmo, tendo morto em arriscadas esperas e batidas doze feras, entre tigres, leopardos e panteras, com a mesma fleuma como se caçam a lebre brajeira ou o coelho fugidio e inofensivo.

O sr. Lopes Arez além do diploma de caçador passado pelo Governador Geral daquela colonia, é o unico que possui mais um diploma especial de merito venatorio, classificando-o como caçador eximio e intrepido tendo sido agraciado com a medalha de prata na Exposição Agricola e Industrial comemorativa do 3.º aniversario da proclamação da Republica em 1913 como premio de haver sido o expositor de melhores trofeus de caça.

Mas ha ainda em Gôa um outro caçador que embora um tanto desastrado bem se pode considerar tão arrojado como Lopes Arez.

Referimo-nos a Alberto Martins, professor do Liceu da India que embora vivendo na capital não perde occasião de se entregar de corpo e alma ao seu favorito entretenimento: a caça ao tigre,



Lopes Arez com um dos seus maiores exemplares de tigre real

É nas matas de Cavanzol muito proximas da linda cascata de Dud-Xagor, que o caçador Alberto Martins promove, em regra, as suas batidas de caça. É ali que se veem gigantes matas de verdura, densas e impenetraveis florestas.

É grande o seu *record* no tocante ao numero de peças de caça abatida: tigres, leopardos, panteras, bisons, veados, gamos etc.

Tambem se dedica a esperas, chegando a perder nelas noites inteiras.

O seu ultimo tigre real foi aquele que lhe deu mais trabalho. Era astuto, fugia às perseguições dos batedores, até que numa noite cerrada caiu a um tiro certo e quasi á queima roupa.

Não apontaremos outros caçadores, porque mais ou menos procedem de igual maneira, com mais ou menos habilidade, com maior ou menor desprendimento pela vida, salvo os que presam muito a sua segurança e trepam a uma arvore, deixando a boa distancia a *isca*, um pobre cabrito, que se não morre de terror

passa pelo menos horas de tortura, enquanto eles, empoleirados em rijos troncos de uma vetusta arvore, fazem verdadeiras descargas sobre o animal, que, talvez, sorrindo da façanha dos que não ousam defronta-lo sem trepar e conscio da sua força, deixam-se mata sem esse ronco formidavel, que representa uma saudação ao vencedor...

X. X. X.

Campanhas coloniais

(Continuado na pag. 24)

Uma vez dentro desta rêde invisivel, surpreendido por uma massa de fogos bem dirigidos, tropas indigeuas mal preparadas porque eram quasi recrutadas, com os movimentos embaçados, a desmoralisação da surpresa... eis o desastre. Como marchava esta compachia? que medidas de segurança tomára? E' caso para que todos meditem muito nas responsabilidades que lhes impõe o comando de tropas em campanha.

Eu tive occasião de cooperar nesta com a simples missão de restabelecer as comunicaçõs entre Pungo Andongo e Balundo e vigiar o limite oriental do territorio Libolo (rio Gango). Mas tive tambem occasião de ver de novo que o valor guerreiro e a audacia daquele povo continuava a ser tão grande como o tem sido o peso com que ele influe na economia da colônia, durante os periodos pacificos, com uma produção e actividade dignas de admiração. De modo que a boa politica seria que essas crises se não succedessem com tanta frequencia.

Mas esta palestra vae já demasiado longa, excede muito os limites que eu previa. Umas considerações arrastam outras e do seu conjunto é que resultará algum proveito para os que teem a bondade de me ouvir.

E como para ser completo, tenho ainda de falar sobre o Sul de Angola e esta não será a tarefa mais facil nem poderá ser a mais concisa, ficará para outro dia.

(Continua)

Todos os que se interessam pelo desenvolvimento colonial devem assinar a

Gazeta das Colonias

RICARDO PIRES & C.^A

LISBOA

RUA DA GLORIA, 72, 1.º D.º
End. tel.º — Amendoense

AFRICA

Loanda—Caixa postal 338
End.º tel.º—Cabacos—Ilvares

INDUSTRIAL FRIGORIFICA Fabrica de Gelo e Refrigerantes — (Fornecimento de gelo, vapores e de peixe congelado, na linha ferrea Loanda-Malange).

EMPRESA DOS TABACOS DE ANGOLA Fabrico mecanico aperfeiçoado de picados, cigarros e charutos

IMPORTADORES

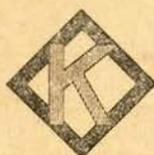
SERRALHERIA MECANICA

EXPORTADORES

Societarios
de:

Elias & Pires, Ltd., em Sucala — com lias de permuta nas regiões de café
Sociedade agricola e Industrial de Camoma, Ltd. — (Agricultura.)
Empresa Pecuaria do Rio Tapada, Ltd., no Lobito e Egito — (criação de gado e cultura d'algodão e palmares).
Machada & Ricardo nos Salles — (Cultura de Palmares).

Telegramas
CAPA



COMPANHIA AGRICOLO-PECUARIA DE ANGOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

ANTIGA SECÇÃO DE CEREAE DO

Fomento Geral d'Angola

CULTURA DE CEREAE

CREAÇÃO E APERFEIÇAMENTO DE GADO

INSTALAÇÕES

EM

LOANDA, BENGUELA, HUAMBO, LUBANGO,

CALULO, CHINGUAR, LUIMBALE, ANDULO, QUIPUNGO, CHIBIA, CAMBOS etc.

CAPITAL E.º 9000:000\$00

SEDE EM LISBOA: Rua dos Fanqueiros 12.2º

TELEFONES: C.º 480 e C.º 970

Raul Leiro, & C.^A

Novo Redondo e Amboim

Comerciantes e Agricultores

Endereço telegrafico: RAULEIRO

Plantações de Algodão

FORNOS DE CAL

Comissões,

Consignações

e Conta Propria

COMPANHIA DE PETROLEO DE ANGOLA

(ANGOLA)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de Esc. 4.675.365\$00 (ouro)

Pesquisas e exploração de petroleo na Provincia de Angola, por concessão do respectivo Governo

Séde social em LISBOA: RUA DOS FANQUEIROS, 12-2.º Telegramas: ANGOIL

Comité técnico em Nova York --Escritorio em Bruxelas

Presidente do onselho de Administração

Banco Nacional Ultramarino

Direcção técnica: "Sinclair Consolidated Oil Corporation"

45, Nassau Street, New-York

Administrador-delegado

Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TÉCNICA EM AFRICA

Representante

Coronel Eduardo Marques

Caixa Postal 332 Teleg.: ANGOIL

LOANDA

Director técnico

O administrador Mr. CHESTER NARAMORE

Caixa Postal 315 Teleg.: SINGOLA

LOANDA

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes na Provincia de Angola, por concessão do respectivo Governo

Séde social: Rua dos Fanqueiros, 12-2.º — LISBOA

Telegramas: DIAMANG

Escritorio em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração

Banco Nacional Ultramarino

Administrador-delegado: ERNESTO DE VILHENA

Representação e direcção técnica em Africa

Representante

Tenente-coronel Antonio Brandão de Melo

Caixa Postal 347 Teleg.: DIAMANG

LOANDA

Presidente dos Grupos Estrangeiros

Mr. Jean Jadot

Director técnico

Mr. H. T. Dickinson

DUNDO

LUNDA

Companhia do Assucar de Angola

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL REALISADO ESC. 15.000.000\$00

FUNDADA EM 1920

Séde—Rua da Madalena, 45, 2.º

DELEGAÇÕES: Em Loanda e em Benguela, em edificios proprios.

FABRICAS DE ASSUCAR: Uma no Alto Dande } Capacidade para 6 a 8.000 ton.
Uma no Dombe Grande } de assucar, cada

FABRICAS DE OLEO: Uma no Alto Dande
Uma no Luacho

AREAS CULTIVADAS: Cana de assucar 1.600 hectares
Algodão 500 »
Palmares 500 »

AREA DOS TERRENOS: Na Fazenda Tentativa 4.000 hect.
Na Fazenda Dombe Grande 5.000 »
Na Fazenda S.^{ta} Tereza do
Luacho 10.000 »

CAMINHOS DE FERRO: Na Tentativa 30 quilometros
No Dombe 24 »
Entre o Dombe e o porto
do Cuio 16 »
Entre o Dombe e o Lua-
cho 12 »
No Luacho 10 »
Entre o Luacho e o porto
da Tenda 10 »

102

MATERIAL CIRCULANTE: Locomotivas 10
Vagons e vagonetas 280

TRANSPORTES FLUVIAIS E MARITIMOS:

Rebocadores 2
Batelões de ferro 6 capacidade 420 ton.
Cuters e barcaças 20 » 240 »
Vapor «Infante de Sagres» — Registo 12.500 »
Batelões 6 capacidade 200 »

PORTOS DE EMBARQUE PARA OS MAIORES VAPORES:

Barra do Dande } Fundeadouro a 1.500 metros da terra
Cuio }

REFINARIA: Em Matosinhos — Capacidade 12.000 tons.

Boletim da Agencia Geral das Colonias

é uma publicação que deve merecer não só de todos os coloniais, mas de todos os portuguezes o mais desvelado interesse.

Assinatura anual	Numero avulso	6\$00
	Portugal e Hespanha . .	72\$00
	Ilhas e Colonias	80\$00
	Estrangeiro	100\$00

Pedidos à Agencia Geral das Colonias:

RUA DA PRATA, 34
Telefone C. 3557

Marques, Seixas & C.^a Ltd. LISBOA-PORTO

LISBOA—Travessa dos Remolares, 10. 3.º, Esq.

Telegramas FERRAMENTA—Telefone 2914 G.

NOVO REDONDO—Caixa do Correio, n.º 3

Telegramas SEIXAS—Telefone 1

Sortido completo de arminho, mercadorias para permuta, tintas, ferragens, etc.

MARINHAS DE SAL

Creação de gado bovino e navegação á vela para todos os portos da provincia.

Grandes plantações de algodão e fábrica de degranação pelo sistema mais aperfeiçoado em Novo-Redondo.

Grandes depositos de café da Amboim, óleo de palma e coconote das suas roças da Amboim é Seles-Boa Lembrança, Santa Clara, Aliança, Montebelo, Rio Luete e Monte Alto.

Importação Exportação

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de esponsabili dade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS

Séde — LISBAO — Rua do Comercio

Agencia — LISBAO — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realisado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS—Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manáus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes
Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

Santos Machado & C.^a, L.^{da}

Comissões e Consignações

Importadores e Exportadores para Africa e Brazil. Representantes dos principais centros fabris, nacionais e estrangeiros

Rua do Bomjardim, 345—PORTO—(PORTUGA)

Endereço telegrafico: SAMALI — Telefone, 2482

Agências em: CABO VERDE -- Praia, S. Vicente e Ilha do Fogo. -- GUINÉ -- Bissau e olama. -- S. THOMÉ E PRINCIPE -- S. Thomé. -- ANGOLA -- Loanda, Ambriz, Malange, Benguella, Mossamedes e Sá da Bandeira (Lubango). -- AFRICA ORIENTAL -- LOURENÇO MARQUES -- Manjacaze.

Aceitam agentes onde não os tiverem.

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais o Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço
| C. 2992 | de transportes
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,,